ANO 19.º QUINTA-FEIRA, 17 DE AGOSTO DE 1939 N.º 6012

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

Na União Sul Africana

As manifestações produzidas na União Sul Africana durante a estadia neste país do sr. Presidente da Republica, algumas passagens dos discursos oficiais pronunciados, e o ambiente geral—sincero, cordial e respeitoso—da recepção, imprimem á viagem presidencial um alto significado politico, com projecção internacional.

Acontecimentos desta natureza têm de ser vistos com frieza, acima do orgulho nacional e da exaltação patriotica. E, observando o aspecto exterior da viagem e das declarações produzidas, chega-se á conclusão de que Portugal consolida o seu prestigio, reforça a sua situação politica no concerto das nações, e robustece a sua soberania em termos de cimentar a sua categoria de grande potencia colonial.

Não são apenas as viagens mutuas de Chefes de Estado, nas quais se preparam e estabelecem alianças ou acôrdos, que têm significado.

Esta visita do sr. general Carmona á União Sul Africana—pelas circunstancias especiais do momento internacional, e sendo no fundo uma visita de cortesia e de amizade, que interesses afins justificam—transcende dessa cortesia e atinge significação altamente lisongeira para o sentimento nacionalista português.

Expropriações

Por motivo da construção da nova base da aeronautica naval no Montijo—e que constituirá uma admiravel e modernissima instalação—está a proceder-se á expropriação dos terrenos necessarios a tão vasta obra.

Os preços, em principio estabelecidos, de indemnização para terrenos rusticos—são manifestamente inferiores, tanto e a tal ponto que, em relação a alguns proprietarios, se chega a supôr que houve engano nas operações.

Materia delicada, ela deve ser vista e revista de modo que um progresso na vida da Nação não seja alicerçado sobre lágrimas de pequenos proprietarios rurais.

Como sabemos que tal pensamento não está nos propositos de quem governa, e conhecemos que a lei se pode interpretar e aplicar sem prejuizo de quem quer que seja, ousamos crer que, como muitas pessoas supõem ante numeros inverosimeis de mesquinhez, se trate de erros de calculo.

A nobreza em 1640

Sob a presidencia do sr. marquês de Lavradio, secretariado pelo sr. João Afonso Côrte-Real, reuniu-se a comissão executiva da publicação dos documentos ineditos existentes nos arquivos dos descendentes dos conjurados da Restauração de Portugal. Foi resolvido, por proposta dos srs. conde de Almada e conde de São Payo, iniciar a aludida publicação em novembro deste ano.

Cambiantes

Anthony Eden, antigo ministro dos Estrangeiros da Inglaterra, exercita-se militarmente, no acampamento de Beaulieu, em Hampshire.

Achamos bem que ele admita a hipotese de bater-se, depois de alguns discursos em que ninguem soube ao certo se era vencido ou vencedor.

Com as armas na mão, rosto contra o inimigo, Anthony Eden, que é um elegante e um parlamentar a caminho do futuro, poderá demonstrar aos cepticos que a guerra, entre outras virtudes, evita que as palavras sejam o mausoleu das pessoas de valor.

■

Eis uma definição de Dantzig:

— Uma cidade livre onde os polacos dormem na rua e os alemães nos telhados.

No dia em que as potencias resolverem ofertá-la a quem se julgue com maior direito, ver-se-á imediatamente que Dantzig anda a fazer de gralho enfeitado com as penas do pavão.

■

Annabela, quando volta a Paris, declara aos jornalistas:

— Sou simplesmente parisiense!

Talvez fôsse preferivel que ela olhasse, com os seus lindos olhos azues e fieis, para o marido e respondesse ás questões que tantos lhe propõem:

— Em Hollywood, sou artista, mas, em viagem, sou a França, ao serviço de Tyronne Power.

Parece-nos ser esta a unica maneira de ela ser igual a si propria — no sentimento e na sua dignidade de mulher.

Paris, na boca dos artistas, já a gente sabe o que é...

■

Os japoneses dispõem-se a cercar Hong-Kong, na suposição de que contrariam os ingleses. A guerra da China, como as historias das «Mil e uma Noites», compõe-se de tantos episodios que nós nos esquecemos da acção principal.

■

Não é facil determinar até que ponto a «Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão» concorreu, para que os povos civilizados se considerem hoje menos livres que os seus pais e avós.

■

A Albania teve uma civilização notavel, na epoca paleolitica, como se apura das escavações feitas na planicie de Butrinto e especialmente na aldeia de Cara.

Dez mil anos depois, a Albania ignora por completo se o rei Zogu, presentemente no solar de Maye, anda como o rei Lear a chorar um reino imaginario ou a lançar um negocio bem rendoso.

■

Herriot pregunta:

— Que é feito das nossas liberdades?

Esta interrogação não vem muito a proposito, porque reputamos mais logico o seguinte:

— Que vale a terra sem a virtude e a fôrça dos grandes capitães?

■

O governo americano subvenciona largamente o almirante Byrd que vai explorar, com terceira expedição aerea, o polo sul. Quem se habitua a correr mundo não pára nem repousa. O almirante Byrd chegou um tanto tarde e por isso enfileira, no numero dos herois polares.

Se acaso triunfar na sua empresa e tornar aos Estados Unidos, ele poderá anunciar:

— Desvendei os segredos do polo sul, mas não os posso contar, porque tudo é geografia e nada historia, visto a neve que o cobre não ser mais que uma mortalha.

Ha descobertas que custam vidas, mas não dão aso a discussões nem á partilha de lucros.

Carreira fulminante

Fez ontem 25 anos que Hitler assentou praça como voluntario, num regimento de infantaria bavara.

Houve alguem que então descobrisse nele qualquer indicio da qualidade da sua futura carreira?

Os homens notaveis, a não ser em casos rarissimos, passam despercebidos. Estão dentro dos acontecimentos que se preparam, podendo mesmo acontecer que eles ignoram o papel que lhes está reservado.

Que pensaria Napoleão de si proprio, antes de começar a epopeia?

Hitler, por muito tempo, hesitou, divagou, tentou conhecer-se em função de designios profecticos.

Em que hora pressentiu a sua verdadeira vocação?

Com ele deve ter-se passado o mesmo que com certos herois de Plutarco os quais ascendiam á gloria e á fortuna, sem haverem cogitado, por um instante sequer, no extraordinario da sua aventura. Os marechais de Bonaparte pertenceram na sua juventude á turba dos sem vintem.

Como subiram tanto?

Eles proprios não ousariam responder, visto que lhes pareceu a cousa mais natural do mundo o prodigio das batalhas que venceram.

O «Indiferente» de Watean

Todos nós esperavamos que o misterioso desaparecimento do «Indiferente» de Wateau fosse um estupendo drama policial. No fim de contas, reduz-se a pouco: um pintor de 25 anos, falto de celebridade, roubou-o, guardou-o, sob o pretexto de o subtrair aos ultrajes de que estava sendo vitima, e depois de o retocar religiosamente restituiu-o ao Museu do Louvre.

O «Indiferente», todo balanceado no movimento, quasi dansando, vestido de azul, com um manto vermelho sobre os ombros que lhe exalta a mocidade, diz isto:

—«Que me importa a mim o que os outros pensam a meu respeito, se eu não posso ser diferente do que sou».

Vale seis milhões de francos. Depois de reposto no seu antigo lugar, contemplado de novo pela multidão dos seus admiradores, é natural que ele, sacudindo os dedos ageis e finos, esboce um sorriso ceptico, bem cortezão:

—Não posso sofrer os gracejos dos importunos, porque, na minha indiferença, ha um limite que é quando os usurarios me avaliam como se eu fosse uma mercadoria!

Marcus Cheek

Esteve hoje, no «Diario de Lisboa», a apresentar os seus cumprimentos o sr. Marcus Cheek, adido da Imprensa da embaixada inglesa, que ha dias regressou de Londres, onde esteve emquanto durou a visita da missão jornalistica portuguesa.

Agradecemos penhorados a gentileza.

Opiniões da Imprensa

Sobre a situação de Dantzig

O «Jour» escreve:

«A guerra dos nervos acentua-se. Dia a dia surgem noticias, sempre mais sensacionais, lançadas, quasi sempre, pela propaganda alemã, com o proposito de desmembrar a frente de paz, lançando a suspeita entre a Polonia e os seus aliados. Hitler espera, segundo todas as probabilidades que, contra a evidencia, a Polonia e as nações que a apoiam, acabem por se intimidar e ceder. Engana-se redondamente. Devemos, no entanto contar que a ofensiva da diplomacia e, sobretudo da propaganda alemã, se intensifique nos dias proximos, até ao discurso do Fuehrer em Tannenberg a 27 do corrente, e a abertura do Congresso de Nuremberg, a 2 de setembro. Torna-se necessaria, por conseguinte, a maior vigilancia».

O «Figaro» diz:

«Se a Alemanha se julga com direito a reclamar quanto ao Estatuto de Dantzig, que se dirija directamente á Polonia. Os estadistas polacos já declararam, por forma clara e moderada, que não se recusam a conversações, desde que estas se efectuem dentro do plano normal das relações que devem existir entre dois grandes países. Mas pensar que nós, franceses e ingleses, poderiamos prestar-nos a qualquer operação de desmembramento da Polonia, sem a aprovação deste país, é abusar do direito de fazer pouco de nós, sobretudo depois do que aconteceu em Munich. A Polonia é a unica a decidir sobre aquilo que lhe diz respeito. Sabe que pode contar com o nosso apoio total e sem reservas. Temos confiança na sua prudencia como ela confia na nossa lealdade».

O «Excelsior» afirma:

«Em França e em Inglaterra abriram os olhos e aumentaram as energias. Por mais que Hitler diga, não fará nem em Dantzig nem em qualquer outra parte, o que muito bem lhe aprover. Acabou o tempo dos monologos cominatorios e dos passeios militares. Mas não parece ter soado ainda, no relogio de Berchtesgaden, a hora das conversações uteis».

O «Giornale d'Italia» afirma:

«A Cidade Livre voltará muito brevemente para o poder da Alemanha, pois o povo alemão assim o quere e é incondicionalmente apoiado nesta pretensão pela Italia, que não pode esquecer a atitude que o Reich tomou na questão da Abissinia e das sanções. Se a Polonia continuar ligada á Inglaterra e á França, e daqui a pouco á Russia, cometerá um suicidio, pois seria melhor que se unisse á Alemanha. Ninguem como este país está em condições militares para guardar as fronteiras polacas e garantir a liberdade do seu povo, séria e gravemente ameaçada no caso da Polonia vir a ser inimiga do Grande Reich.

O silencio da Italia não significa que ela não tomará uma atitude energica e decidida, no caso de não se solucionar pacificamente a questão de Dantzig, a-pesar-de não desejarmos a guerra e estarmos prontos a ajudar todos os homens de boa vontade que queiram contribuir para a paz».

Sobre a posição do Reich

O «Berliner Boersen Zeitung» refere:

«Ao divulgar estes boatos espera-se dar um golpe triplice, e acusar a Alemanha simultaneamente de violencia com a Hungria, de traição para com a Eslovaquia e de intrigas contra a Romenia. Esta campanha é um exemplo especialmente edificante das tentativas feitas para destruir a paz».

O «Deutsche Allgemein Zeitung» diz:

«O que irrita os nervos das democracias não é apenas a concepção do espaço vital, mas o facto de que alemães e hungaros prosseguem, lado a lado, um destino comum, ha 25 anos. Este destino comum foi sublinhado pelo proprio regerente Horthy quando da sua ultima visita oficial a Berlim».

O «Voelkisher Beobachter» esclarece:

«Nas democracias pretende-se recordar a inclinação passageira da Hungria a favor da Polonia para a «libertar».

Sobre a situação na Europa

O «Matin» informa:

«Realizou-se uma entrevista entre François-Poncet, embaixador de França em Roma, Daladier e Bonnet. O embaixador foi informado do ponto de vista do governo francês sobre a situação internacional».

APRENDA A DANÇAR

Ensina-se rapido, horas á escolha. Prof. Machado e suas ajudantes. — Rua dos Fanqueiros, 286, 1.º (ao Rossio). — Telef. 22465.

PRAIA DA ADRAGA

Pavilhão Oceano

Reabriu com comidas e bebidas

Telef. Colares 52 (Chamada, Martins)

TEMAS DE POLITICA INTERNACIONAL

Quando romperam as hostilidades

entre a China e o Japão

Quando Hirohito, imperador do Japão, de origem Divina, «Filho Celeste» e descendente do Deus Sol, ascendeu ao trono do seu país, mandava a tradição que aos seus titulos antigos juntasse mais outro e ele escolheu o titulo de «Showa», que na lingua japonesa significa «Paz». Mas emquanto Sua Majestade se entregava, com afã, ao estudo de especimens raros da fauna maritima, sua ocupação favorita, os seus generais, sem respeito pelo novo titulo que o imperador se atribuira entregavam-se a estudos bem em oposição com o referido titulo. Entre 1931 e 1934 tinham regado a sangue toda a China do Norte com a antiga Manchuria e tinham constituido o novo imperio do Monchucuo, colocando á frente deste país um imperador *ad hoc*. Escolheu-se para exercer esta dignidade Sua Majestade Imperial Kang-Teh que os japoneses afirmavam ser, segundo as genealogias, o herdeiro legal do trono da China. Os generais, senhores do partido da guerra, viam nele um digno descendente e sucessor do Trono do Dragão dos Imperadores manchus em Peiping.

O Japão ainda não se tinha apoderado de Peiping, circunstancia de importancia secundaria, que mais tarde se solucionaria.

Ao longo das fronteiras a sul e ocidente de Manchucuo aglomeravam-se aquelas tão cobiçadas provincias chinesas de Chahar, Suiyan, Shansi, Hopei e Shantung. A-fim-de preparar o terreno para a integração destas vastissimas areas no imperio de Kang-Teh, o Japão enviou para a China o major-general Kenji Doihara, o mais subtil e arguto dos seus militares.

Levava instruções no sentido de subornar os chefes politicos das cinco provincias, que constituem a China do Norte, e induzi-los a que se proclamassem em estados autonomos, que recorreriam á protecção do Japão. Era um plano astuto de um altissimo valor para os japoneses, se viesse a realizar-se, e em 1935 Doihara quasi que o tinha realizado. As provincias de Chahar e Hopei tinham-se efectivamente proclamado em administração semi-autonoma, mas nas outras três provincias a sagacidade do enviado do Japão nada tinha conseguido e este teve de retirar-se para o seu país e perder as graças governamentais. O governo de Toquio tinha sofrido varios revezes; tinham sido assassinados três chefes do governo, que pretendiam cercear o poder e autoridade do exercito. O Japão exigia novos territorois onde se pudesse expandir o excesso da sua população que desde alguns anos, era de 800.000 almas por ano. O problema foi solucionado ou pareceu solucionar-se, quando o muito poderoso e já idoso principe Saionji, primeiro conselheiro da corôa, indicou para chefe do governo japonês, um rapaz novo e *moderno*, que pertence a uma das unicas cinco «Familias Sagradas» de entre as quais o Imperador Divino tem de colher a sua Imperatriz. Convencido de que o gabinete a que presidia não aplacaria as suas aspirações bélicas, emquanto não conquistasse mais um pedaço da China, o Principe Fumimaro Konoye, chefe do governo, sancionou nova tentativa de expansão. Foi uma sentinela chinesa, obscura, que nunca chegou a ser identificada, quem soltou o primeiro alerta, que marca uma das guerras mais mortiferas que o extremo oriente tem presenciado. Na noite de 7 de julho de 1937, o general chinês Sung Chec-Yuan, chefe do Conselho politico das provincias de Chahar-Pei, havia-se retirado para os seus aposentos para num sono reparador, descansar das fadigas de um longo dia de manobras militares, numa região que confirmava com Lukouchaio. De repente a sentinela, meio estonteada pelo sono, apercebeu-se de que uma coluna militar de um exercito desconhecido avançava em direcção á aldeia. Puxou imediatamente pelo gatilho da espingarda e o general Sung viu-se obrigado a desembaraçar-se do seu «rug» de lã macia, embrulhado no qual viajava pellas regiões do sonho de que despertou, para se encontrar em frente de uma guerra no seu inicio. Os seus homens combateram até de manhã cedo contra um destacamento japonês comandado pelo lugar-tenente general Kiyoshik Kaguki. De lado a lado derimiu-se a contenda até que, ao raiar da aurora, se interromperam as hostilidades. O general japonês Kazuhi, em ar de justificação do seu acto, alegou que o destacamento andava por ali em busca de um soldado desertor que, segundo se supunha, devia estar escondido em Lukouchaio. No entanto, quatro dias depois deste incidente, o Japão desembarcava 20.000 homens e mais 100 aviões a sul da Manchuria, para proteger os seus soldados contra incidentes semelhantes aos de Lukonchaio e no fim de um mês tinha-se apoderado de Peiping e de Tien-Tsin. Daí em diante os japoneses foram-se encaminhando vagarosamente ao longo das linhas ferreas que ligam a China do Norte com a China Central e o general Sung, compreendendo que a sortida de Lukouchaio tinha sido apenas um pretexto para provocar uma guerra, apresentou as suas desculpas com subserviencia. Este golpe de astucia não deu o resultado esperado porque os japoneses prosseguiram nos seus ataques e em breve criaram novo pretexto para a invasão do seu exercito. No dia 9 de agosto do mesmo ano o sub-lugar tenente Oyama e o oficial de marinha Saito, da Armada Imperial Japonesa, encontravam-se de passeio pelos bairros mal frequentados da Shanghai; repentinamente rebentou uma desordem entre gente baixa e os dois oficiais japoneses foram assassinados á navalha pelas costas.

Quarenta e oito horas mais tarde o Japão tinha concentrado em Shanghai 30 barcos de guerra e alguns milhares de soldados e a 13 de agosto de 1937, tinha começado com grande intensidade a guerra mais mortifera que a historia do Extremo Oriente regista.

ADOLFO BENARUS

A aviação na Argentina

Criação de novas carreiras

BUENOS AIRES, 17. — As autoridades da aviação militar argentina chegaram á conclusão de que é imprescindivel ligar Buenos Aires ás povoações distantes da Patagonia e estabelecer contacto directo, por via aerea, entre as guarnições militares da sexta divisão do exercito.

As referidas autoridades afirmam que o estabelecimento das referidas linhas aereas servirá tambem de treino continuo para os pilotos militares, que serão obrigados a realizar os vôos a horas certas, utilizando o mesmo regime adoptado pelas empresas comerciais.

Nestes serviços serão utilizados trimotores «Junkers» comprados na Alemanha. — (United Press).

Não houve hoje sessão na Camara Municipal

por falta de numero

Cerca das 11 horas começou, sob a presidencia do sr. engenheiro Eduardo Rodrigues de Carvalho, a sessão publica mensal da Camara Municipal de Lisboa.

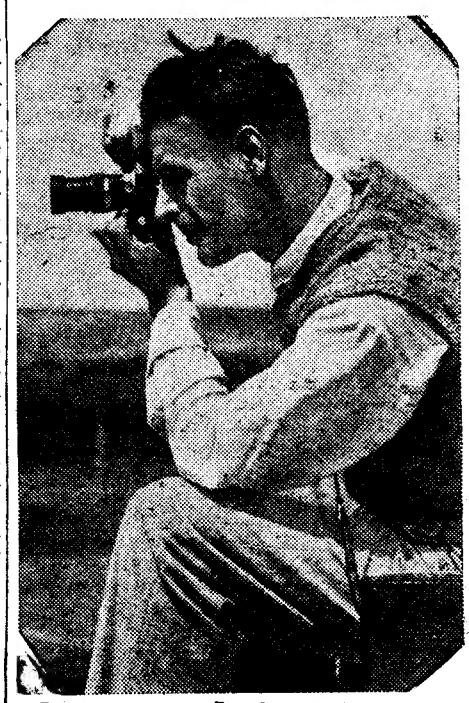
O sr. dr. Silva Pinto procedeu á chamada dos vereadores. E como se verificasse que não havia numero, encerraram-se os trabalhos.

A proxima sessão ordinaria será no dia 21 de setembro.

Bibliotecas Municipais

As Bibliotecas Municipais instaladas nos parques e jardins da capital, para maior conveniencia do público, passam a estar encerradas ao domingo e não á segunda-feira.

Leica



O companheiro sincero nas suas viagens e excursões

E. LEITZ WETZLAR

OASIS

A melhor limonada e cerveja bem tirada só no **OASIS.**

Rua da Conceição, 103-105

GRICHÕES

RETIRO DA SEVERA Telefone 25979

HOJE — No Salão Noite da Moda — HOJE

Programa especial de Fados

Margarida Pereira, Amalia Rodrigues, Maria Raquel, Julio Proença, Francisco dos Santos, Xavier Pinto, Armandinho, Jaime Santos e Santos Moreira.

Primoroso serviço de Restaurante. — Serviço especial á Lista. — Jantares a 12$00.

VERBENA DE SANTA CATARINA

(aos Paulistas) Tel. 2 5676

Mariana Chagas, Fernando Gasparinho e Antonio Santos. Baile e diversões. Variações por Fernando Freitas e Pais da Silva.

F. H. D'OLIVEIRA & C.ª L.DA

Participam aos seus clientes e amigos que mudaram os seus escritorios para a Calçada Marquês de Abrantes, n.os 42 a 52.

Amadores Fotograficos

No vosso proprio interesse utilizai peliculas **VERITAS.** Elas são superiores e menos caras. Vendem-se em toda a parte, aos seguintes **preços:**

6,5 × 11.... 7$50. 6 × 9.... 6$00

4 × 6,5.... 5$30. Revelagem gratis.

Grandes descontos para revendedores.

Pedidos á FOTOGRAFIA ACHILLES

Av. Almirante Reis, 1, 1.º — Lisboa

(Aberta aos domingos)

O «Diario de Lisboa» vende-se no Estoril — Caminho de ferro.

Edições da "Renascença Grafica"

RUA DA ROSA, 57, 2.º

BIBLIOGRAFIA DE MAFRA, por JOÃO PAULO FREIRE (Mario) ..... 20$00

MAIS VALE ANDAR NO MAR ALTO..., por NORBERTO LOPES ..... 10$00

O LIVRO DO NOSSO AMOR por SILVA TAVARES ..... 8$00

ALBUM DE CARICATURAS por FRANCISCO VALENÇA ..... 10$00

PORTUGUESES EM ROMA, por NORBERTO DE ARAUJO ..... 10$00

Pedidos á Administração do «Diario de Lisboa».

DENTES COMO PEROLAS

Só usando a PASTA DENTIPEROLA

Preço 2$50

NO EXTREMO ORIENTE

Receia-se em Hong-Kong

que se efective

o bloqueio niponico

HONG-KONG, 17. — Os japoneses fazem uma grande concentração de navios na baía. Este facto, conjugado com o intenso transporte de material de guerra e viveres de Nan-Pan para Chun-Chun, parece indicar o proposito em que os japoneses se encontram de avançar para o interior.

Aumenta nesta cidade o receio de que os japoneses pretendam, realmente, bloquear Hong-Kong. — (U. P.).

Ha pessimismo em Londres a respeito das negociações de Toquio

LONDRES, 17.—Os circulos politicos britanicos mostram-se extremamente pessimistas no que diz respeito ás conversações anglo-niponicas de Toquio e afirmam que devem ser acolhidas com a maior reserva todas as noticias referentes ás negociações, pois, em virtude das ultimas providencias tomadas pelas autoridades navais japonesas, já não podem restar duvidas de que o Japão vai, de facto, bloquear Hong-Kong.—(United Press).

Tranquilidade na fronteira de Hong-Kong

LONDRES, 17. — De Hong-Kong informam a Reuter:—«Esta manhã reinava tranquilidade na fronteira de Hong-Kong, mas as tropas e a policia continuam a ocupar, sólidamente, os postos fronteiriços. Parte das tropas japonesas que ocuparam ontem Chun-Chum, partiu esta manhã na direcção de oeste, isto é, Nan-Tao, mas continuam em Chum-Chun varias centenas de soldados. Não se ouviu um unico tiro. O numero de refugiados chegados a territorio britanico é relativamente pequeno. Por isso, supõe-se que os japonseses impedem a saída do territorio chinês de grande numero de refugiados.—(Havas).

A concentração de tropas em Singapura

SINGAPURA, 17. — Procedentes da India, chegaram a Singapura mais 2.500 soldados britanicos. Eleva-se assim a 9.500 homens o numero dos efectivos militares ingleses que nos ultimos dias vieram da India.

As fôrças britanicas que chegaram da India são constituidas, especialmente, por forças de artilharia e de saude.—(United Press).

Dois chineses declararam-se autores da morte de Chan-Chin-Chang

CHANGAI, 17. — Dois chineses escreveram ao governador geral de Hong-Kong a declarar que são êles os assassinos de Chan-Chin-Chang, super-intendente das alfandegas de Tien-Tsin.

Dizem que se apresentarão ás autoridades de Hong-Kong, desde que lhes prometam um julgamento justo e que os não extraditam.

O caso provocou grande sensação, pois foi, como se sabe, o pedido de extradição dos assassinos de Chan-Chin-Chang que deu origem ao incidente de Tien-Tsin. Os circulos japoneses não acreditam nas declarações dos dois chineses e supõem que se trata dum logro. — (D. N. B.).

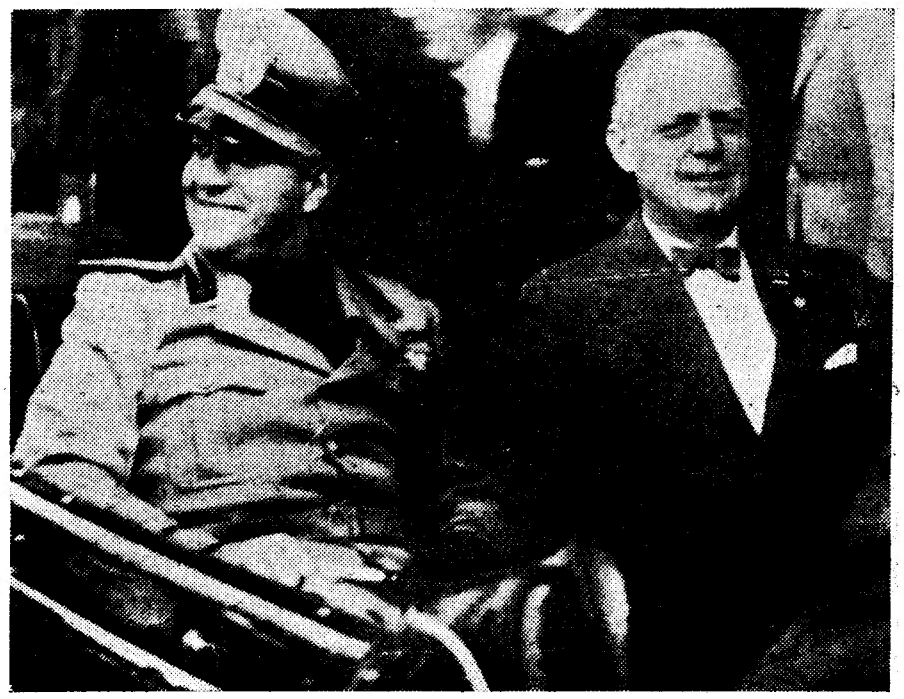
A sorte dos quatro presos de Tien-Tsin

CHANGAI, 17. — O Supremo Tribunal inglês para a China rejeitou o pedido dos advogados dos quatro chineses que se encontram presos na concessão inglesa, no sentido de que os seus constituintes pudessem beneficiar do decreto de «habeas corpus».—(Havas).

As negociações anglo-niponicas

TOQUIO, 17.—Craigie informou o ministro dos Negocios Estrangeiros japonês de que as negociações anglo-niponicas não podiam prosseguir por enquanto, visto não ter ainda terminado as deliberações em Londres. Londres tem de efectuar consultas que, provavelmente, se prolongarão durante algum tempo, e que se referem aos dominios e a terceiras potencias. Essas consultas referem-se a questões economicas e especialmente á introdução de novas divisas.—(D. N. B.).

A ACTIVIDADE DIPLOMATICA



Os dois ministros dos Estrangeiros do «eixo» encontram-se em Salzburgo e partem depois para Berchtesgaden

Uma semana de preparação

A primeira semana da crise aguda provocada pela questão de Dantzig terminou hoje.

Os episodios encadeiam-se, naturalmente, bastando, para compreender a sua sucessão e para, de alguma forma, descortinar as suas consequencias, recordá-los e estabelecer entre eles uma relação que é facil estabelecer evocando crises identicas e proximas.

A Europa está de novo á beira de acontecimentos da maior importancia.

O que se passou nestes ultimos dias é, a esse respeito, sintomatico e elucidativo.

Sexta-feira, 11—Iniciam-se as conversações de Salzburgo entre Ciano e Ribbentrop. O Reich deseja saber qual será a atitude da Italia em caso de complicações provocadas pelo desenvolvimento da questão de Dantzig.

O exito de uma grande operação diplomatica e militar que conclua pela anexação da Cidade Livre pressupõe duas condições essenciais: a colaboração da Hungria e a ocupação da Eslovaquia.

Por isso em Salzburgo aparece inesperadamente o conde Csaky, ministro dos Estrangeiros hungaro para ser posto ao corrente das verdadeiras intenções do eixo.

Sabado, 12—Mas as resoluções de Salzburgo precisam ter a aprovação do Fuehrer. Ciano e Ribbentrop partem para Berchtesgaden onde celebram uma primeira entrevista com Hitler.

As resoluções não se fazem esperar: o problema de Dantzig está maduro e é preciso actuar para conseguir uma solução até 2 de setembro. O dr. Goebbels tem vinte dias para montar a sua maquina e fazer cair a Cidade Livre.

O primeiro acto da peça que vai representar-se consiste em advertir a Polonia e os seus aliados de que o Reich não cederá, apoiado pela Italia, em nenhuma das suas pretensões.

A personalidade escolhida para fazer este aviso é o Alto Comissario da S. D. N. em Dantzig, o professor suiço dr. Burckardt, cujas tendencias germanoficas são conhecidas.

Na noite de sabado e efectivamente, o dr. Burckardt sai de Dantzig, rodeando a sua viagem de cautelas e dirige-se a Berchtesgaden para recolher a tese do Fuehrer.

Domingo, 13—Para fazer marchar a Hungria a propaganda italo-alemã faz divulgar a noticia de que as conversações de Salzburgo e de Berchtesgaden prepararam a revisão do tratado do Trianon.

Para fazer ceder a Polonia espalha-se a noticia da existencia dum plano Mussolini que seria, em resumo, a entrega de Dantzig ao Reich resolvida por uma conferencia das quatro potencias.

Segunda-feira, 14—Torna-se publica a informação de que Burckardt se avistou com o Fuehrer. O governo inglês recebe uma comunicação oficial deste alto funcionario genebrino.

Ao mesmo tempo, o deputado britanico Winston Churchill seguiu de avião para França onde vai, a convite do estado maior, visitar a linha Maginot.

Terça-feira, 15—As tentativas de mediação na questão de Dantzig multiplicam-se: mediação do Vaticano, mediação do regente da Hungria.

Só ha, de facto, uma tentativa séria de mediação e essa parte apesar de todos os desmentidos, de Londres.

A noticia de uma possivel conferencia dos quatro, para impôr essa mediação, torna-se mais insistente.

Mas o Reich não transige, em nenhuma das suas reivindicações quanto á Cidade Livre.

Quarta-feira, 16—Rasgam-se os veus que tentavam encobrir as intenções dos grupos de nações que se opõem.

O ponto de vista do eixo é assim resumido em Roma:

«Dantzig é mais do que uma questão nacional. Tornou-se uma questão de bandeira. O Reich e a Italia consideram que a sua solução é uma questão de prestigio e de honra para o povo alemão.

O governo de Berlim não aceitaria nunca, a proposito de Dantzig, uma derrota diplomatica».

O ponto de vista oposto sintetisa-se na declaração atribuida a Bonnet:

«Os franceses só aceitam uma solução do problema de Dantzig que mantenha todos os actuais direitos da Polonia e tenha a aprovação deste país».

As teses opostas tornam-se rigidas. Para tornar o panorama diplomatico mais alarmante, verificam-se incidentes de fronteira graves entre alemães, por um lado, polacos e franceses por outro.

Quinta-feira, 17—Londres desmente que a Inglaterra esteja disposta a aceitar qualquer solução do problema de Dantzig que derive de uma nova conferencia dos quatro.

Anuncia-se o proximo regresso de Chamberlain, que interrompe as suas ferias, á capital.

Winston Churchill termina a sua visita á linha Maginot.

A ACTIVIDADE MILITAR

A aviação francesa

faz exercicios

sôbre o territorio inglês

PARIS, 17—O Ministerio do Ar publicou o comunicado seguinte: «Na noite de 16 para 17 de agosto, varias unidades de bombardeamento pesadas do exercito do Ar francês, voaram sobre a Inglaterra. A duração destas missões foi de 7 a 8 horas. Depois de os objectivos determinados, todos os aviões regressaram ás suas bases, hoje de manhã».—(Havas).

Os exercicios de hoje

PARIS, 17—O Ministerio do Ar comunica: «Determinado numero de formações aereas francesas deixaram as bases respectivas, hoje de manhã, a-fim-de efectuarem um exercicio sobre territorio britanico. O tema da manobra é o seguinte: as principais cidades do sul e centro de Inglaterra, Liverpool, Bristol, Birmingham, Manchechester e Oxford são «atacadas» por formações de bombardeamento, constituidas por sete esquadrilhas. As formações de reconhecimento que as precedem, têm por missão indicar-lhes os objectivos de «ataque» e as condições especiais em que cada um dos «ataques» deve ser efectuado. No regresso destas expedições, duas esquadrilhas de caça «esperam» os bombardeiros, sobre Londres, para os escoltar e proteger dos «ataques» dos caças «inimigos». Esta manobra, que comporta formações de bombardeiros ligeiros, bombardeiros pesados e caças modernos, num total aproximado de 200 aviões, proporciona tambem ocasião de fazer intervir os serviços de observação ingleses e franceses, que trabalham em ligação, e a defesa anti-aerea britanica, que tenta opôr-se á acção dos bombardeiros. Efectuadas depois dos «raids» dos aviões ingleses a França, no mês passado, estas manobras contribuirão para o aperfeiçoamento da cooperação aerea franco-italiana que, desta forma se afrima, progressivamente, mais estreita e eficaz».—(H.).

A chegada a Inglaterra

LONDRES, 17—Ao meio dia chegaram a territorio inglês 150 aviões de bombardeamento franceses para tomar parte no «ataque aos centros industriais britanicos. A's 15 horas passaram por Londres.—(Havas).

Exercicios em Praga

PRAGA, 17—As autoridades nazis deram instruções á população civil para cooperar nos grandes exercicios contra ataques aereos, que, brevemente, serão levados a cabo em Praga.

Em diversos pontos da cidade estão a ser montadas baterias anti-aereas e construidos abrigos destinados á população civil.—(United Press).

A Noruega adquire aviões de combate

LONDRES, 17—O governo da Noruega encomendou na Inglaterra 12 aviões de combate «Gloster Gladiator», no valor de 100 mil libras esterlinas.—(United Press).

Um incidente por ocasião do lançamento do «Formidable»

BELFAST, 17—O porta-aviões «Formidable» começou a deslizar 25 minutos antes da hora prevista para o lançamento á agua, mas entrou no mar normalmente. No entanto, ficaram feridas 20 pessoas, 3 das quais foram transportadas ao hospital.—(Havas).

A visita do principe Humberto á Libia

ROMA, 17—O principe herdeiro Humberto terminou ontem a sua viagem de inspecção á Libia, na companhia do marechal Balbo, pela visita ao aeroporto da provincia de Misurata.—(D. N. B.).

O artista Tyrone Power

prestes a ser vitima dum acidente

LONDRES, 17—O artista de cinema Tyrone Power escapou dum acidente, ontem, quando o seu automovel chocou contra um policia a cavalo, pouco depois daquele artista ter saído dum cinema. A Policia viu-se obrigada a conter enorme multidão que insistia em vêr o artista de perto. O policia nada sofreu.—(Havas).

BAROMETRO da prova

Não se verificou a variabilidade que o barometro previa para ontem. Pois não se verificará hoje tambem em S. Pedro do Sul.

Tirada relativamente longa de Chaves a S. Pedro do Sul (176 quilometros) mas acidentada, permitindo pois alternativas de avanço, de atraso e de recolamento—os primeiros classificados tem o seu barometro em «bom tempo fixo».

Joaquim Fernandes continuará com a sua camisola amarela, que ninguem dirá que não mereça. Mas Aguiar Martins e Antonio Bartolomeu não se lhe aproximarão nem se distanciarão.

Isto diz o barometro em Chaves.

A suceder assim—e a agulha não se desviará da previsão—que irá suceder quando a caravana chegar a Espinho?

Pois pode ler-se «fixo».

A prova parece cair assim em monotonia. Mas ha que não esquecer que de Espinho para baixo o caminho franco pode trazer surpresas, que a Serra não tem dado.

A VIII Volta continua a «correr» bem, mas sem emoção alguma, que se sinta a distancia.

A viagem presidencial

O Chefe do Estado partiu hoje para a Cidade do Cabo

PRETORIA, 17.—O sr. Presidente da Republica partiu hoje para a Cidade do Cabo, com o mesmo cerimonial que fôra observado á sua chegada a esta cidade. O sr. general Carmona dirigiu-se para a estação acompanhado por «sir» Patrick Duncan, governador geral da União Sul Africana, emquanto os canhões salvavam em sua honra e numerosos aviões cruzavam o espaço.

A' sua chegada á estação, o Chefe do Estado foi saudado por numerosas personalidades, entre as quais figurava o Primeiro ministro da União, general Hertzog, e outros membros do governo sul-africano.

O sr. general Carmona chega amanhã á Cidade do Cabo, onde será aguardado pelo general Smuts.—R. P.

A repercussão da viagem

PRETORIA, 17. — Toda a Imprensa sul-africana consagra largas referencias á visita do general Carmona, assinalando que a Nação portuguesa goza hoje no mundo de indiscutivel e salutar prestigio.

A visita do ministro sr. dr. Francisco Vieira Machado a Johannesburgo deu tambem ensejo a varias e significativas manifestações de apreço por Portugal.

No banquete oferecido na Camara das Minas do Transvaal, o presidente deste poderoso organismo afirmou que a amistosa vizinhança dos portugueses, empenhados, como o povo da União, na nobre tarefa de elevar o nivel moral e material das populações da Africa, constitue um notavel factor de paz, na região ao sul do Equador, do continente africano.

Outra homenagem digna de relevo foi a exposição inaugurada no Museu Africano de Johannesburgo, sob a denominação: «A divida da União para com Portugal». Nessa exposição vêem-se quadros reproduzindo o Infante D. Henrique e Bartolomeu Dias, primeiras edições de raridades bibliograficas portuguesas, etc.—(S. P. N.).

Troca de telegramas

LOURENÇO MARQUES, 17—O Chefe do Estado, em resposta ao telegrama do governador geral, sr. dr. Nunes de Oliveira, exprimindo desejos de feliz viagem, após a partida para a União Sul-Africana, afirmou-lhe, telegraficamente, em termos penhorantes, que jámais esquecerá a sua visita a Moçambique.

A esposa do Chefe do Estado telegrafou á esposa do governador geral, a agradecer-lhe a hospitalidade e a pedir-lhe que transmitisse a todas as senhoras de Moçambique a sua gratidão pelas atenções recebidas.

Entre o ministro sr. dr. Vieira Machado e o governador trocaram-se tambem telegramas que exprimem claramente os magnificos resultados desta triunfal viagem de soberania.—(S. P. N.).

A VIII VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

Em S. Pedro do Sul não se alterou a classificação

Ildefonso Rodrigues venceu a tirada e o francês Lesguillon foi o segundo

A partida para S. Pedro do Sul

CHAVES, 17. — A partida para S. Pedro do Sul foi dada ás 6 horas e 48 minutos. Os corredores haviam-se levantado ás 5, ainda era escuro.

A' largada da caravana assistiram três ou quatro pessoas apenas.

Mealha a puxar

S. PEDRO DO SUL, 17. — De Chaves ás Pedras Salgadas, onde os corredores passam ás 7 e 59, a marcha foi animada, mas em pelotão.

A's 8 e 15 os corredores passaram em Vila Pouca de Aguiar. Pouco depois Aguiar Martins, furou. Aproveitando este percalço o Belenenses ataca, com Cabrita Mealha destacado para a «puxada». Os seus «sprints» foram constantes, o que não impediu Joaquim Fernandes de se manter em bom posto e Aguiar Martins de se colocar novamente no pelotão da frente, onde vai tambem Francisco Duarte em bom lugar. Mas este benfiquense «furou» a certa altura e atrasou-se.

Mealha continua a arrastar os mais fortes: é uma ordem que recebeu e que cumpre.

Caminho acidentado

Ficam alguns para trás com furos; outros não resistindo ao andamento, como Barros, Manuel de Sousa, Henrique Ribeiro e José Rodrigues, deixam-se ficar para trás.

Em Vila Real, ás 9 e 5, o pelotão volta a formar-se, com a cauda já pouco distanciada, indo na cabeça Joaquim Fernandes, Francisco Duarte, que recuperou bem, Joaquim Manique, Bartolomeu e F. Lesguillon, este sempre muito regular.

Entra-se no caminho acidentado. Numa das descidas para a Regua furou Eduardo Lopes. Nas subidas vai sempre Faisca á cabeça, sem que tome avanço ou isso pareça aproveitar-lhe.

As descidas pela Serra são feitas a uma velocidade incrivel, animando extraordinariamente a corrida, e dando a impressão de deslocamento de posições na meta de S. Pedro do Sul.

Atravessa-se Penagulão ás 9 e 26. As grandes descidas para a Regua são mantidas a um andamento assustador.

Numa subida vê-se, como sempre, Faisca á frente, seguido de 15 corredores.

A caravana fecha com os rapazes de Campo de Ourique, notando-se um pelotão intermedio onde se vêem Mealha, que se fatigou, Henrique Ribeiro, Eduardo Lopes, José Ferreira e Manuel de Sousa.

A camisola amarela e as verdes

Joaquim Fernandes, que está fazendo boa e cautelosa corrida — deixando-se arrastar nas velocidades sem arriscar energias inuteis — vai agora rodeado das camisolas verde-brancas do Sporting. E' uma especie de envolvimento leal.

Bartolomeu anima depois a corrida numa subida pela Serra, parecendo disposto a não largar a cabeça.

Passa-se na Regua ás 9 e 55, com Bartolomeu, Manique, Faisca, Tulio e Joaquim Fernandes.

No segundo pelotão, a certa distancia, vai Aguiar Martins no comando.

A's 10 e 25 são Tulio, Ildefonso e Faisca que, ao lado de Joaquim Fernandes comandam a prova, arrastada sempre em velocidades admiraveis.

Já dois minutos atrás seguem Mealha, Manique, Eduardo Lopes, Noé e Bartolomeu, que se atrasou, mas sem desfalecimento.

Um minuto mais atrás vão José Marquês, que teve um furo, e José Herdeiro que não suportou o andamento dos «seniors». Em Castro Daire juntam-se-lhes Mealha e Noé.

Os fortes no seu lugar

Com a aproximação do fim da tirada os «fortes» ou como tal classificados recompõem-se, agora um, depois outro. Francisco Duarte, que tem feito boa prova, Aguiar Martins, Joaquim Fernandes e Lesguillon contam entre os primeiros. Mas Bartolomeu — admiravel estradista — já vem a cem metros, com Aguiar da Cunha ao lado.

Faisca, Aniceto Bruno, Tulio, Lourenço e Ildefonso (que está a preparar o costumado esticão da meta) seguem pouco distantes do lote dianteiro.

Bartolomeu consegue recolar; já está no seu posto. Vão-se agrupando os melhores. José Marquês, que perdera mais de três minutos, vai recuperando tempo, com esfôrço notavel, e Aguiar da Cunha e Manique, um pouco distanciados, perseguem os da frente, e acabam por os apanhar.

João Lourenço depois de Castro Daire, partiu o guiador (para entrar sem ele na meta), e Eduardo Lopes bateu o «récord» da infelicidade: quebrou a maquina três vezes.

A' aproximação das Termas de S. Pedro a caravana da frente vai em velocidade espantosa. Todos esperam ganhar uns segundos... E' que é impossivel, entre os favoritos, pensar-se em minutos.

Emfim — S. Pedro do Sul.

Um pelotão de nove á desfilada.

Eis a ordem estabelecida e tempos á entrada na meta:

A ordem de chegada a S. Pedro do Sul

1.º—Ildefonso Rodrigues, Sporting, 5 h. 41 m. 8 s.
2.º—F. Lesguillon, (francês), m. t.
3.º—Francisco Duarte, Benfica, m. t.
4.º—José Albuquerque, Sporitng, m. t.
5.º—Joaquim Fernandes, C. U. F., m. t.
6.º—Aguiar Martins, Benfica, m. t.
7.º—Antonio Bartolomeu, Belenensee, m. t.
8.º—Aniceto Bruno, Belenenses, m. t.
9.º—Tulio Pereira, Sporting, 5 h. 41 m. 41 s.
10.º—Aguiar da Cunha, Benfica, 5 h. 42 m. 56 s.
11.º—Joaquim Manique, Belenenses, m. t.
12.º—Eduardo Lopes, da C. U. F., 5 h. 49 m. 51 s.
13.º—José Marquês, Sporting, 5 h. 51 m. 18 s.
14.º—Faria de Barroc, C. Ourique, m. t.
15.º—João Lourenço, Sporting, 5 h. 53 m. 40 s.
16.º—José Herdeiro, Porto, 5 h. 55 m. 19 s.
17.º—Noé de Almeida, C. U. F., 5 h. 59 m. 27 s.
18.º—Joaquim Tomé, C. Ourique, 6 h. 3 m. 19 s.
19.º—Afonso Lopes, C. Ourique, 6 h. 8 m. 3 s.
20.º—Cabrita Mealha, Belenenses, m. t.
21.º—Manuel de Sousa, C. U. F., m. t.
22.º—Henrique Ribeiro, C. U. F., 6 h. 10 m. 51 s.
23.º—José Rodrigues, Benfica, m. t.
24.º—Jorge Pereira, C. U. F., m. t.
25.º—José Fernandes, C. Ourique, 6 h. 13 m. 11 s.

Posições e tempos em S. Pedro do Sul

Vê-se que os três primeiros mantêm a mesma posição que traziam de Chaves: Joaquim Fernandes com 4 m. e 36 s. sobre Antonio Bartolomeu e 4 m. e 37 s. sobre Aguiar Martins.

Tulio mantem o 4.º lugar, mas perdeu 33 segundos, ficando a 10 m. e 36 s. do «leader».

José Albuquerque mantem o 5.º lugar e o seu tempo, a 12 m. e 38 s. do camisola amarela, mas Aguiar da Cunha, no 6.º lugar, atrazou-se 1 minuto e 48 segundos ficando assim a 16 m. e 11 s. de Joaquim Fernandes.

Cabrita Mealha sai da «équipe» belenense

Cabrita Mealha, que durante certo tempo desta tirada, puxou a animar a prova, acabou por perder cêrca de 17 minutos. Deste modo cedeu o seu lugar na «équipe» de Belem ao seu companheiro Aniceto Bruno, que entrou na meta com o mesmo tempo dos oito melhores, mas que vai atrasado 55 minutos em relação ao «leader».

O Benfica á cabeça

A circunstancia de a C. U. F. ter hoje dois dos seus homens—Noé e Eduardo Lopes—muito mal classificados, pois o primeiro perdeu 18 minutos e 19 segundos, e o segundo 8 minutos e 43 segundos—o que soma mais de 27 minutos—a «équipe» do Benfica passou a 1.º lugar na classificação geral.

O Belenenses tambem melhorou de posição.

A melhor tirada da «Volta»

S. PEDRO DO SUL, 17. — A tirada desta manhã classifico-a eu da melhor de quantas decorreram até hoje.

Percurso violento, cheio de acidentes de terreno, alternativas, curvas e desniveis — estes 170 quilometros fôram percorridos a uma média de 30,33, o que é de facto bom, em tempo.

Serviu ela para os corredores «provados bem» poderem fugir, dando possibilidades de deslocação de lugares e satisfação de aspirações.

Teve ardencia, luta e por vezes emoção. Os lugares não se alteraram nas unidades, mas as «équipes» acusaram o toque.

Parece que estava assente o principio de que só as tiradas curtas serviam para puxar; isto é: para as boas médias. Essa lenda ficou desfeita num percurso hoje caracterizado por subidas, que predominaram.

Mais de 30 quilometros de média em prova «ascendente» é para registar. Só quem viu, como nós, como as subidas fôram arrancadas pode admirar o esfôrço produzido.

O ataque de Mealha, emquanto durou, foi brilhante. Talvez, em classificação de «équipe», o Belenense se prejudicasse com isso, pois Mealha fatigou-se, mas isto não anula a parte da corrida feita pelo ex-camisola amarela, aos esticões de «sprint», que muitos não suportaram.

Bartolomeu tambem foi um corredor, em todos os lances: destroçou emquanto pôde. Atrasou-se depois do reabastecimento na Regua, por qualquer circunstancia, mas acabou no pelotão dos oito melhores.

Aguiar Martins, quando Bartolomeu se atrasou, tentou o golpe: o segundo do tempo que lhe falta eliminar para ficar em 2.º lugar: Bartolomeu recolou.

Houve muitos percalços nesta tirada a S. Pedro do Sul. De tudo um pouco: Marquês, Noé, Lourenço, Eduardo Lopes, entre outros fôram vitimas da tirada, longa e dura.

Esta «Volta» deu-nos uma surpresa inédita: um ex-camisola amarela ser atirado para fora da «équipe» (os três mais classificados) do seu clube: Mealha cedeu o lugar a Aniceto. Foi um sacrificio. Mas talvez Aniceto — não sabemos — tenha ao presente melhores possibilidades.

A tirada esta tarde vai ser dificil.

E continuará o ataque a Joaquim Fernandes. Mas já está visto: a um «sprint» isolado ou colectivo sucede uma clareira no ritmo da pedalada. E os melhores acabam por se agrupar.

Um ou dois isolamentos, porém, já se têm visto.

Muito terá Joaquim Fernandes que forçar e trabalhar para não lhe ser arrebatada a camisola amarela.

Isto depende muitas vezes de um pequenino nada: um furo, por exemplo.

Estamos em crer que seria o suficiente — um incidente desta natureza — para termos outro «canario».

Significa tambem isto que a corrida está longe de haver terminado.

Ninguem acredita nisso. Nem o proprio Joaquim Fernandes, hoje mais triste e mais apreensivo, do que quando envergava ac amisola do seu clube.

O portador da «camisola amarela» — Joaquim Fernandes —, Bartolomeu e Aguiar da Cunha, montam bicicletas APILIA.

Os corredores passam em Braga por entre a curiosidade e o entusiasmo da população

(Fotografia feita com pelicula «Gevaert»)

2.ª EDIÇÃO

Lesguillon foi o primeiro em Espinho

Cabrita Mealha desistiu logo á saida de São Pedro do Sul

A partida para Espinho

S. PEDRO DO SUL, 17.—Os corredores partiram ás 16 e 40 para a segunda tirada de hoje: S. Pedro do Sul a Espinho, por Cruz de Trapa e Gralheira.

Antes da partida o sr. dr. Alberto de Almeida Dias, presidente da Camara Municipal, procedeu á distribuição dos premios.

A tirada S. Pedro do Sul-Espinho

ESPINHO, 17. — (Pelo telefone). — A 2 quilometros e meio de S. Pedro do Sul, verificou-se um acontecimento lamentavel — consequencia doutro facto ainda mais lamentavel. Cabrita Mealha, o valoroso corredor algarvio de «Os Belenenses», que durante dias vestiu a «camisola amarela», desistiu. O seu estado fisico não lhe permitia continuar. Perdeu, assim, a prova, um dos seus animadores.

Tambem desistiu Henrique Ribeiro.

O resto segue em fila indiana.

A' frente do segundo pelotão Joaquim Tomé, do Campo de Ourique.

O grupo dianteiro onde seguem todos os «ases» leva já um avanço de um minuto.

O segundo lote, de 10 unidades, é comandado por Tulio Pereira.

A's 17 e 5 estamos em Santa Cruz da Trapa — a mais linda aldeia da Beira.

São 8 ciclistas — Bartolomeu, Joaquim Fernandes, Noé, Eduardo Lopes, Aguiar Martins, «Falsca», João Lourenço e Lesguillon.

A estrada, poeirenta, dificulta a marcha.

Bartolomeu toma decididamente a cabeça. Eduardo Lopes não aguenta.

O pelotão do comando é depois formado por 7 unidades.

Assim se galgam alguns quilometros de subida.

O segundo pelotão não ganha nada do terreno que perdeu.

Em S. João da Serra, porém, demi-auiu a diferença de tempo.

Na descida, Joaquim Fernandes procura, inutilmente, ganhar avanço. E' que o segundo pelotão, guiado por Aguiar da Cunha, vem a fazer uma bela perseguição.

Em breve se ligam os dois grupos: ao todo 16 concorrentes que marcham sem preocupações.

Chegados a Junqueira de Cima — pico da serra —, ás 17 e 45.

Ha depois 12 quilometros de descida.

Em Vale de Cambra, a fila indiana é comandada, ás 19 e 20, por Joaquim Fernandes. Um pouco atrás, isolado, segue José Marquês.

José Herdeiro desistiu

Vemos passar num automovel da organização mais um concorrente que desistiu: José Herdeiro, do Vilar, do Porto. A desistencia do ultimo afecta a prova.

Um furo de Ildefonso, perto de Oliveira de Azemeis.

Chegámos a esta vila ás 19 e 55.

Passaram em primeiro lugar, Noé de Almeida, Tulio Pereira e Joaquim Fernandes.

A passagem em Carvalhos, á saida do Porto, foi ás 21 horas, já de noite, comandando Noé de Almeida e Bartolomeu um pelotão em fila indiana.

A chegada a Espinho

A' chegada a Espinho, a classificação da 25.ª tirada fez-se assim:

1.º—Fernand Lesguillon, francês, ás 21 h. 26 m. e 25 s.
2.º—Ildefonso Rodrigues, do Sporting, m. t.
3.º—Tulio Pereira, do Sporting, m. t.
4.º—Aguiar da Cunha, do Benfica, m. t.
5.º—Joaquim Manique, de Os Belenenses, m. t.
6.º—Joaquim Fernandes, da Cuf, m. t.
7.º—Jorge Pereira, da Cuf., m. t.
8.º—rancisco Duarte, do Benfica, m. t.
9.º—Eduardo Lopes, da Cuf, m. t.
10.º—Afonso Lopes Junior, do C. Ourique, m. t.
11.º—João Lourenço, do Sporting, m. t.
Os 11 primeiros gastaram no percurso 4 h. 46 m. e 25 s.

N. da R. — A ultima parte da corrida, entre Carvalhos e Espinho, ou seja cêrca de meia hora de percurso, fez-se já de noite, através duma estrada sem iluminação e onde é grande o movimento de automoveis e camionetas, o que podia muito bem ter ocasionado um desastre.

Salvo o devido respeito pela opinião dos tecnicos, não nos parece que atrasos como o de hoje sejam de molde a prestigiar a organização da «Volta», que não prevê nem procura evitar estes percalços lamentaveis.

A nossa reportagem grafica

Na reportagem grafica da «Volta a Portugal», o «Diario de Lisboa» só usa peliculas «Gevaert», a marca que tem dado melhores provas, e de que é representante em Portugal a Casa Garcez, Lda, do Chiado.

Na cozinha do acampamento são usados os famosos fogões Vacuum.

Chás elegantes na Baixa

Das 17 ás 19 horas a Antiga Confeitaria Rosa Araujo serve deliciosos chás, como serve excesentes almoços, das 12 ás 15, e lanches para calamentos e bapiizados. Rua de S. Nicolau, 44 a 48.
Aptofone 24.701

O AFUNDAMENTO DO «CABO SARDÃO»

Ainda não apareceu nenhum cadaver

e continuam os trabalhos *para a reflutuação do rebocador*

O horrivel choque entre o paquete inglês «Vandyck» e o rebocador da Administração Geral do Porto de Lisboa «Cabo Sardão», que custou o afundamento deste ultimo barco e a morte dos seus dois maquinistas e do seu fogueiro, impressionou vivamente, não só os meios maritimos, mas toda a população.

Continuaram hoje os trabalhos para a reflutuação do rebocador que tinha 296 toneladas, como o seu irmão «Cabo Raso». Até agora não foi encontrado nenhum dos cadaveres e em frente do cais de Alcantara flutuam, como aviso á navegação, duas bandeiras vermelhas, uma colocada na ponta do mastro grande do «Cabo Sardão», que emerge do rio, e outra num batelão, a poucos metros de distancia da base de operações de salvamento do rebocador afundado.

Uma boia de salvação do «Cabo Sardão» apareceu junto ao pontão de Belem, de onde partem os barcos das carreiras para a Trafaria.

Está-se tratando de pôr novamente a flutuar o barco naufragado utilizando dois rebocadores, que, aproveitando as marés, e com o emprego de vigas de ferro, procurarão sustentar a certa altura, no preamar, o «Cabo Sardão». Quando a maré começar a descer, um rebocador, com os seus chupadores, que podem esvasiar pelo menos 250 toneladas á hora, esgotará a agua do navio que então reflutuará. Será, então, a altura de recolher os cadaveres dos três infelizes tripulantes que ficaram na casa das maquinas. Para se conseguir isso, terá um mergulhador de colocar sob o «Cabo Sardão» uma «linga», ou seja um cabo de aço, que permita que ele no baixa mar fique suspenso dos dois rebocadores.

Quanto ás causas do desastre, as opiniões divergem nos meios maritimos. Quanto aos interessados—o comandante do paquete inglês, o seu piloto português e o patrão do rebocador afundado—coincidem numa coisa: em não acusar.

Limitam-se a aguardar o resultado do inquerito das autoridades maritimas, atribuindo, principalmente, a um estoque de agua o sinistro.

Quando este se deu, o rio vasava com a maior violencia, de tal modo que um homem, correndo com a maior velocidade, não conseguiria acompanhar a corrente.

O rebocador pegara um cabo «fixe» na prôa do «Vandyck», e este, dizem alguns tecnicos com quem conversámos, desde que o cabo estava lançado, não devia pôr a hélice a trabalhar, pois, de contrario, havia o perigo de se dar—o que se deu. O rebocador o levaria até que o paquete tivesse cabos ligados á terra.

Declarações do mestre do rebocador «Europa I»

Os trabalhos de tentativa de levantamento do fundo do rio, do «Cabo Sardão», são dirigidos pelos srs. comandantes Luiz Spencer e Manuel Bento, respectivamente chefe e subchefe dos serviços maritimos da Administração do Porto de Lisboa.

No local esteve tambem esta manhã o sr. capitão de fragata Raul Queimado de Sousa, comandante da Policia Maritima, a ouvir o mergulhador sr. Jaime da Abunda sobre a posição em que se encontra o «Cabo Sardão», e outros pormenores.

De tarde, na Policia Maritima, foram ouvidos os pilotos srs. Eduardo Nunes de Castro que vinha na ponte do «Vandyck»; Manuel Martins que vinha no paquete desde a barra, como simples passageiro e Carlos Horacio Pagani, que de madrugada deu entrada ao «Vandyck». Nas suas declarações como peritos, demonstraram com factos a nenhuma responsabilidade do seu colega Nunes de Castro.

Entre as pessoas que prestaram declarações conta-se tambem o sr. Alfredo dos Santos Costa, mestre do rebocador «Europa I», um dos barcos que comboiava o «Vandyck». Diz ele:

—Como se sabe, os serviços de atracação do paquete, estavam confiados aos rebocadores «Cabo Sardão» e ao «Europa I» de que sou mestre. Desde o Caneiro de Alcantara eu vinha ao lado do «Vandyck» e desde a Junqueira já o paquete vinha comboiado pelo «Sardão». Devido á pressão da agua da vasante o mestre do «Cabo Sardão» trancou o leme para estibordo e depois andou ávante. Como trazia grande pressão de agua da vasante, o «Cabo Sardão» atravessou-se na prôa do «Vandyck». Deste modo, as aguas fizeram com que ele se precipitasse sobre o paquete.

E o sr. Alfredo dos Santos Costa concluiu as suas declarações com os seguintes comentarios:

—Se o mestre do «Cabo Sardão» tivesse manobrado para ré, nada sucederia, a não ser umas ligeiras avarias. E' certo que deu tambem motivo a que o rebocador se afundasse o facto de as defesas ficarem presas ao paquete porque nessa altura o «Cabo Sardão» vinha á prôa e o «Europa I» á ré do «Vandyck».

Os trabalhos de salvamento do «Cabo Sardão»

Procurámos obter do sr. comandante Luiz Vaz Spencer quaisquer informações sobre os mesmos. Resposta:

—Impossivel. Não estou autorizado a isso...

Entretanto, averiguámos que os trabalhos de reflutuação do «Cabo Sardão» são dificeis:

—Um trabalho no genero das mudanças «a pau e corda». Não ha um aparelho para levantar um pêso de cêrca de 600 toneladas, que está a uma profundidade de 19 metros. E' necessario reunir um conjunto complexo de material, e aproveitar o tempo escassissimo que dão as marés: cêrca de meia hora por dia. O serviço ha-de fazer-se, mas demora.

Preguntámos ao sr. comandante Spencer o que pensa sobre as responsabilidades do sinistro:

—Nem uma palavra. As autoridades maritimas estão procedendo a um inquerito. Elas falarão em devido tempo.

As investigações policiais

O sr. capitão de fragata Raul Queimado de Sousa, comandante da Policia Maritima, tem que dirigir e organizar dois processos: um referente ás avarias, que já se iniciou, o outro, de natureza policial, referente ás mortes, que começará possivelmente ámanhã.

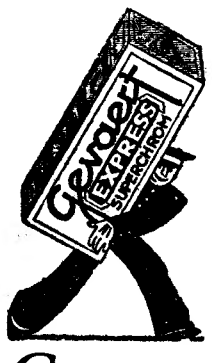
A uma pregunta nossa, respondeu o distinto oficial:

—Como no caso do naufragio do «Tonecas», só falarei depois de concluidas as investigações. Até lá é prematuro quanto se diga a respeito de responsabilidades. Continúo a ouvir todas as pessoas susceptiveis de esclarecer o caso.

O mestre do rebocador «Africa»—que salvou alguns dos tripulantes do «Cabo Sardão»—devia ser ouvido ás 15 horas, mas o sr. comandante Queimado de Sousa autorizou-o a comparecer mais tarde, por causa dum serviço que aquele barco teve de fazer áquela hora.

Se pretendeis JANTAR

opiparamente, procurai o **«RESTAURANTE ROMA».** Encontrareis, a par duma magnifica cozinha, todo o conforto e asseio. Rua da Misericordia, 104. Reservai a vossa mesa pelo telefone 2 4273.



Antihalo, grão fino e camada dupla só a GEVAERT, a pelicula das bôas fotografias.

Garcez, L.da CHIADO

O ministro da Economia belga
esteve há dias em Lisboa

Na sexta-feira, 11 do corrente, apeou-se do avião da Lufthansa, em Sintra, um passageiro em torno do qual se fez certo misterio.

Tratava-se dum homem relativamente novo, pouco mais de quarenta anos, que viajava só e incognito. Não tardou, porém, a saber-se que o passageiro da Lufthansa era nada mais nada menos que o sr. Raul Richard, ministro da Economia do governo belga, que veio a Lisboa numa missão particular, cujos objectivos não foram divulgados.

O sr. Raul Richard dirigiu-se ao Hotel Aviz, onde se hospedou. A sua viagem parece não ter caracter oficial, pois o ministro da Economia da Belgica não era aguardado no aerodromo de Sintra por nenhum representante da legação do seu país, que não teria mesmo conhecimento da deslocação do sr. Richard.

O ministro belga demorou-se entre nós apenas quatro dias, partindo na quarta-feira de manhã tambem pela via aerea.

Consta-nos que teve em Lisboa algumas conferencias, certamente particulares, pois delas nada transpirou.

O CURSO DE FERIAS
da Faculdade de Letras

O Curso de Ferias da Faculdade de Letras de Lisboa—que está funcionando no Casino Internacional do Monte Estoril—realizou hoje de tarde uma visita á Sé, ao Carmo e aos Jeronimos.

Pouco depois das 14 e 30, reuniram-se, na Sé, professores, conferentes e alunos, e suas familias, iniciando-se a visita, sob a direcção do sr. dr. Macedo Mendes.

Recebeu os visitantes o sr. arquitecto Antonio Couto.

Na visita á Sé, foi feito um estudo romanico; no Carmo—onde todos foram recebidos pelo director da Associação dos Arquitectos—houve explicações sobre o estilo gotico, e nos Jeronimos o sr. dr. Macedo Mendes fez uma lição sobre o estilo manuelino.

Amanhã, ás 15 e 30 no Monte Estoril, o professor Queiroz Veloso dará a sua lição sobre «A luta pela independencia no ultimo quartel do seculo XIV», e ás 16 e 30 realiza-se a 2.ª lição sobre «Historia de Arte em Portugal», pelo sr. dr. Macedo Mendes—que se ocupará de: «O periodo ogival: a Batalha e as taboas de Nuno Gonçalves».

FESTAS EM CASCAIS
a favor da Casa dos Pescadores

Sob o patrocinio do sr. capitão-tenente Silva e Costa, presidente da Casa dos Pescadores de Cascais, inicia-se, no proximo domingo, a «Semana de festas a favor da caixa de previdencia daquele organismo.

A's 17 horas, haverá um «chá dançante», no «Reserve Bar», na Praia da Conceição, para o qual já estão tomadas muitas mesas e que deve ser concorridissimo.

A's 22 horas, na pedra da Nau, proximo da Boca do Inferno, haverá um simulacro de salvamento de naufragos.

De manhã, haverá na baía de Cascais e na enseada da praia do Tamariz, no Estoril, diversas regatas, e ás 16 horas luta de tracção entre as quatro companhas das armações da vila.

ESCOLA NAVAL
A admissão de novos alunos e a hipotese de um concurso suplementar

Pela pasta da Marinha foi publicado, no «Diario do Governo», um decreto autorizando o sr. ministro da Marinha a determinar a abertura este ano, se necessario fôr, de um concurso suplementar para a admissão de alunos na Escola Naval, nas condições estabelecidas no artigo 1.º do decreto-lei de 12 de agosto do ano passado.

Essas condições prevêem e autorizam que ao concurso suplementar sejam admitidos candidatos com elevação de um ano na idade limite estabelecida.

A NOVA ESPANHA

O GOVERNO REUNIU-SE
sob a presidencia de Franco
e nomeou varios altos funcionarios

BURGOS, 17. — Sob a presidencia do generalissimo Franco, reuniu-se o Conselho de ministros, que examinou largamente o problema economico e varios aspectos do problema ferroviario. Foi tambem estudado um vasto plano para terminar, rapidamente, com o desemprego em Espanha.

O governo decidiu efectuar varias nomeações, entre as quais a do general Carlos Ascensio para o cargo de alto comissario em Marrocos.—(United Press).

Altos cargos militares e civis

BURGOS, 17.—Fizeram-se as nomeações seguintes: chefe do estado maior do Ar, tenente-coronel Eduardo Gallarza; chefe da Escola de Aviação, tenente-coronel Julian Rubio; secretario de Justiça, Juan Angel Ortigosa; sub-secretario de Agricultura, Angel Zorrilla Dorrondoro; director da administração local, o governador de Saragoça, Antonio Iturmendi; chefe do 9.º Corpo de Exercito, general Juan Bastid Sanchez.—(Havas).

TETUÃO, 17—Tomou posse da secretaria geral do Alto Comissariado o comandante Garcia Figueras.—(Havs).

Reorganização de serviços

BURGOS, 17. — Foram aprovados os decretos que reorganizam o Conselho de Obras Publicas e ministerio da Marinha. Outro diploma unifica as escalas de terra complementares da Armada e cria a capitania naval das Baleares. Foram nomeados chefe do comando geral do departamento maritimo de Cartagena, o contra-almirante Ramon Agacino; comandante geral do departamento maritimo de Cadiz, o vice-almirante José Maria Gomez; e almirante-chefe dos serviços do ministerio da Marinha, o vice-almirante Francisco Bastarreche. O Conselho de ministros ocupou-se, pormenorizadamente, do problema economico e de varios aspectos do problema ferroviario. Foram encarregadas diversas entidades oficiais de elaborar a reforma á lei de expropriações, tendente a estimular a reconstrução da antiga zona «vermelha».—(Havas).

Ministerio da Agricultura

MADRID, 17—A partir de hoje ficou, definitivamente, instalado nesta capital o ministerio da Agricultura.—(United Press).

O general Serrador inspecciona as fortificações da Maiorca

PALMA DE MAIORCA, 17—Em visita de inspecção, encontra-se nesta cidade o general Serrador, comandante geral de Las Palmas, que visitou demoradmente os quarteis e outras instalações militares. O general mostra-se satisfeito com a ordem, asseio e disciplina que notou durante a sua inspecção.

O general Serrador examinou tambem minuciosamente, as novas fortificações que se estão a construir em Palma de Maiorca.—(United Press).

A libertação de Santander

SANTANDER, 17—Prepara-se a comemoração do segundo aniversario da libertação desta cidade. Aguarda-se a chegada de alguns generais e ministros.—(Havas).

Salvamentos de navios

SANTANDER, 17. — Foi posto a flutuar o navio mercante «Jaime Girona», que se afundou em aguas de Santander, quando fugia perseguido pela aviação e navios de guerra nacionalistas.—(Havas).

ALICANTE, 17—Será posto a flutuar dentro de poucos dias o vapor «Parma».—(Havas).

Monumento em Mahon

MAHON, 17—Todas as autoridades assistiram á inauguração do monumento á memoria de 26 oficiais superiores da Armada assassinados pelos «vermelhos». O bispo abençoou o monumento e o general Ponte pronunciou um discurso.—(Havas).

Diversas prisões

ALICANTE, 17—Foram presos elementos «vermelhos» em destaque, entre os quais figuram José Penalva, presidente e fundador da «União Republicana» de Madrid, e Trindade Galdeano.—(Havas).

MURCIA, 17—Foi preso em Mazzarron, Francisco Bolea, que foi secretario do Socorro Vermelho Internacional, em Madrid, durante a guerra civil. Bolea foi preso numa praia onde estava a veranear na companhia de seu irmão que tambem foi detido.—(Havas).

A «Air France» em Espanha

MADRID, -1. — O governo espanhol autorizou o regresso ao país do agente da companhia «Air France», Pucheux, director em Espanha quando estalou a guerra civil. Sabe-se que o governo espanhol aceitou, em principio, que a companhia retome os serviços que assegurava em 1936. No entanto, a remodelação ministerial e a criação do novo departamento do Ar retardarão ligeiramente o prosseguimento do serviço pelos aviões franceses.—(Havas).

Adelaide Candida Pedroso da Cunha Rego

FALECEU

Confortada com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja

Dr. Victor Pedroso da Cunha Rego e sua mulher, Maria da Gloria Pedroso da Cunha Rego de Mello Vieira e seu marido (ausente), Eduardo Pedroso da Cunha Rego e sua mulher (ausente), Francisco Luiz Pedroso da Cunha Rego, sua mulher e filha (ausentes), Maria Adelaide Pedroso da Cunha Rego Monteiro dos Santos seu marido e filhos, dr. Rodrigo Pedroso da Cunha Rego e sua mulher (ausentes), José Pedroso da Cunha Rego e filho e mais familia participam que foi Deus servido de chamar á sua Divina Presença sua querida mãi, sogra, avó e parente cujo funeral se realiza amanhã 18 do corrente da sua residencia, Rua das Praças, n.º 80, 1.º Esq., pelas 16 horas da tarde para o cemiterio dos Prazeres.

P. N. A. M.

A cargo da antiga agencia José Guilherme da Rua da Junqueira, 396—Telef. Belem, 355.

BOLSA DE LISBOA
17 de Agosto

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Consolidado 3 3[4 T. 10.	939$00	—	939$00
Consolidado 4 °[. T. 10.	974$00	973$00	975$00
Consolidado 4 1[2 T. 10.	1.023$00	1.022$00	1.024$00
Consolidado 4 3[4 T. 10.	—	1.137$00	1.139$00
Consolidado 5 1[2 T. 10.	—	1.038$00	1.041$00
Obgs. Tesouro 3 1[2 T. 10	—	—	—
Externas 1.ª série	1.570$00	1.568$00	1.572$00
Externas 1.ª carimbadas	1.638$00	1.637$00	1.639$00
Externas 3.ª série	—	1.620$00	1.625$00
Externas 3.ª carimbadas	1.745$00	—	1.747$00
Cautelas da 3.ª serie s[j.	154$00	154$50	—
Acções			
Esp. S.ª e Com. Lx.ª port.	—	—	—
Lisboa e Açôres port. ..	—	338$00	339$00
Ultramarino cp T. 10 ...	—	22$00	—
Portugal port. T. 5.....	—	1.018$00	1.020$00
Fidelidade.....	—	—	—
Mundial	274$00	274$00	275$00
Nacional	—	655$00	670$00
Sagres.....	—	—	—
Aguas Lisboa port.....	—	145$00	148$00
Aguas Lisboa 1934 T. p..	—	—	—
Aguas Lisboa 1936 T. p..	—	—	—
Cervejas Estrela	482$00	480$00	482$00
Cimentos Tejo	—	351$00	358$00
Cimentos Leiria T. p. ..	—	—	350$00
Credito Predial	—	8$50	9$00
Gás e Electricidade.....	232$50	232$00	233$00
Alto Alentejo 1.ª[2.ª em.	—	—	295$00
Alto Alentejo 3.ª[4.ª em.	—	—	290$00
Industria Aliança.....	99$00	98$50	99$00
Portugal e Colonias.....	89$90	89$80	89$90
Nacional Navegação T. p.	167$00	167$00	168$50
Colonial de Navegação.	54$00	53$00	55$00
Portuguesa de Pesca....	—	385$00	—
Ind. Farmaceutica	—	280$00	290$00
Portuguesa de Tabacos.	364$00	363$50	364$00
Tabacos de Portugal....	—	275$00	279$00
União Electrica Portug.	—	184$00	137$00
Cassequel	255$00	254$00	256$00
Agricola das Neves	—	155$00	—
Agricultura Colonial....	—	110$00	130$00
Açucar de Angola.....	494$00	492$00	495$00
Buzi 1.ª emiss..o T. p. ..	53$20	53$00	53$30
Ilha do Principe.....	165$00	161$00	165$00
Zambezia T. 25.....	13$75	13$75	13$80
Obrigações			
Norte de Portugal 5 °[.	104$00	103$00	105$00
C. P. 6 °[.	—	182$00	184$00
C. P. 6 °[. Beira Baixa...	—	183$00	185$00
Aguas Lisboa 4 1[2 cp...	—	80$50	82$00
Prediais 5 °[. 1935	—	84$50	—
Prediais 5 °[. 1937	—	81$50	—
Prediais 6 °[. 1932 1.ª	—	90$50	—
Prediais 6 a[° 1932 2.ª....	—	90$50	—
Prediais 6 °[. 1934 1.ª 3.ª	90$70	90$60	—
Prediais 6 °[. 1934 4.ª[6.ª..	—	90$50	90$80
C. N. I. Moagem 5 °[. T. p.	920$00	919$00	920$00
União Elect. Port. 5 °[. .	—	107$00	107$50
Buzi 5 1[2 °[. T. p.	115$00	114$50	115$00
Buzi 6 1[2 °[. T. p.	—	—	120$00

HENRIQUE DE BARROS GOMES
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 2 5482 — RUA S. JULIÃO, 69

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	110$15,0	110$20,0
New-York	23$50,8	23$56,2
Paris	$62,2	$62,5
Berlim	9$43,3	9$45,5
Madrid	2$60,4	2$61,1
Amsterdam	12$60,2	12$63,1
Bruxelas	3$99,3	4$00,3
Roma	1$23,6	1$24,0
Zurich	5$30,8	5$32,1
Praga	$80,5	$80,8
Rio de Janeiro	1$17,5	1$17,8
Libra ouro	—	—

Bôlbo Capilar

Restitue cabelos aos calvos, suspende a queda do cabelo, cura radical da caspa. E' ao mesmo tempo um requintado produto de toucador, perfume inebriante e persistente, dá brilho e fixa, dispensa brilhantinas aos que pintam o cabelo. Anula o efeito nocivo do nitrato de prata, aplicado após a pintura, tornando o cabelo sedoso e brilhante. Embalagem em frascos de luxo c[250 gr.

A' venda na Farmacia Estacio, 61, Rossio, 62, Azevedo Filhos, Rossio, 31, 32, na Casa Silva Pires, rua 1.º de Dezembro, 130, e nas boas farmacias e em todas as drogarias da Baixa.

PROVAS: Estão expostas algumas fotografias na montra da Drogaria Silva & Neves, rua da Prata, 229-231, de pessoas curadas com o **BOLBO CAPILAR** de enormes e horriveis calvas.

Distribuidor geral para Portugal e colonias: M. A. Torres, Avenida Rovisco Pais, 14-A, Lisboa. telef. 46526 — manda á cobrança com todas as despesas incluidas para qualquer terra do país por 22$50 — cada frasco.

Serra de Sintra

O mais rico maciço florestal da peninsula de Lisboa, com influencia no clima de toda a região de Sintra, Colares, Praia das Maçãs.

Peça o horario dos comboios tranvias nas «Informações» da Estação do Rossio. Esclarecimentos no Serviço do Trafego da C. P.—Santa Apolonia—Telef. 2 4031.

TAMARIZ
ESTORIL
Mariscos, Aperitivos, Refrescos e Chás

Aprazivel recinto com divertimentos, para creanças

AGUAS DE ENTRE-OS-RIOS
O tratamento da flébite

A declaração abaixo publicada do sr. D. Tomás de Melo Breiner, que foi professor ilustre da Universidade de Lisboa e distinto clinico, confirma os resultados frequentemente obtidos em Entre-os-Rios no tratamento da *flébite*.

Declaração—Por conselho do meu ilustre colega e querido amigo D. Antonio de Lencastre, mandei para Entre-os-Rios uma senhora pertencente a uma familia de artriticos e portadora, ela propria, de uma bronquite crónica que muito a incomodava e de uma manifestação cutanea rebelde a variadissimos tratamentos.

Melhorou consideravelmente deste estado, mas a melhora notavel, quasi cura completa, fez-se sentir numa outra molestia que supunha incuravel.

A doente, depois do nascimento de um filho, teve uma grave flébite na fumeral esquerda. Passado o estado agudo, ficou um edêma consideravel, por vezes doloroso, e o que lhe dificultava o andar. Começou a modificar-se este estado, com os banhos em «Bagnoles de l'Orne», mas a grande melhora veio há um ano com as Aguas de Entre-os-Rios. No fim do sexto banho a melhora era sensivel e no fim da cura termal era notabilissima.

A doente, hoje em dia, anda com facilidade, não tem dôres e o edema desapareceu.

E' com dupla alegria que assim escrevo porque esta minha doente é tambem minha mulher.

Aqui ficam registados os meus agradecimentos á Empresa pelas atenções recebidas e a minha gratidão por todo o carinho que dispensou aos meus.—(a) *Thomaz de Mello Breiner.*

ESTRANGEIRO

Funerais e Trasladações
Agencia M. Ferreira dos Santos
RUA DE ARROIOS, 211 — Telf. 4 1987
SERVIÇO PERMANENTE

A valorização da Albania

Aumento da produção agricola

ROMA, 17. — Mussolini resolveu gastar 60 milhões de dolares na exploração da Albania e demonstrar ao mundo que, dentro em pouco tempo, a transformará num grande país cerealifero.

Mais de 500 mil acres de terreno, no vale de Tirana e nos distritos de Zastrima, Nusachia e Corvia, passarão imediatamente a ser cultivados por processos modernos. As ricas regiões costeiras que tinham sido completamente abandonadas voltarão a ser cultivadas, segundo um vasto plano agricola do Duce.

Mussolini afirma que, no proximo ano, a Albania produzirá para cima de 70 milhões de «bushels» de trigo. O Duce propõe-se explorar tambem ao maximo na Albania o gado e os seus derivados que constituem já uma riqueza bastante apreciavel.

Segundo o plano do Duce, dentro dum periodo relativamente curto a Albania produzirá carne em quantidade suficiente para satisfazer as necessidades do povo italiano. — (U. P.).

A radio na Alemanha

Mais de onze milhões de aparelhos

BERLIM, 17. — Segundo as estatisticas oficiais agora publicadas, verifica-se que é de 11.420.000 o numero de aparelhos de radio actualmente existentes na Alemanha, incluindo os territorios da antiga Austria e dos Sudetas.

Dos onze milhões e meio de aparelhos que a Alemanha tem actualmente, oito milhões são capazes de captar emissões dos postos estrangeiros.

Goebbels, ministro da Propaganda, que conhece perfeitamente a alta importancia que a radio tem para a educação do povo, resolveu agora intensificar a campanha pró-radio de maneira que, num proximo futuro, todos os lares alemães sejam dotados com um aparelho de radio. — (U. P.).

Comemorações centenarias

A compra do palacio da Independencia

RIO DE JANEIRO, 17.—Sob a presidencia do conde de Dias Garcia, reuniu-se no dia 11 a comissão executiva Pró-Centenarios de Portugal sendo tomadas providencias para nova remessa de fundos para Lisboa na proxima semana. O presidente mostrou o seu contentamento por ver como os portugueses vão apoiando este grande movimento e pede a todos que continuem com o mesmo entusiasmo até final da campanha. Acrescentou que em breve estará inteiramente pago o palacio que servirá de sede á «Mocidade Portuguesa» e Museu da Independencia.—(Havas).

CIGARROS 100% VIRGINIA. *Especialmente fabricados para evitar afecções de garganta.*
CARRERAS LTD. LONDRES.

A industria do petroleo

nos Estados Unidos

NOVA YORK, 17 — Os produtores de petroleo dos cinco Estados que extraem mais de duas terças partes da produção petrolifera dos Estados Unidos, resolveram encerrar os poços, a-fim-de levar os refinadores a revogar a decisão de reduzir o preço de compra em 20 centimos por barril. O Presidente tem o direito, caso considere isso necessario, de reunir o Congresso em sessão extraordinaria para fazer votar uma lei sobre a fiscalização federal da industria petroleira.—(H.).

O caso do quadro de Watteau

PARIS, 17 — O juiz de instrução recusou-se ontem a autorizar a libertação provisoria de Bogulawski, que roubou o quadro de Watteau, «O Indiferente» do Museu do Louvre. Prossegue o inquerito para a descoberta dos cumplices eventuais daquele individuo. — (H.).

A campanha anti-semita

BRNO, 17 — Anteontem registaram-se, nalguns cafés e restaurantes desta cidade, incidentes anti-semitas de que resultou a morte de um judeu. — (Havas).

A ALTA QUALIDADE DO RECEPTOR
Lincoln
IMPÕE-SE!

O aparelho de maior sensação do ano! Mod. 517

Formidavel poder de captação em ondas médias e curtas, 6 valvulas. Todas as correntes.
Apresentação Original. Varias côres

PREÇO REDUZIDO — Esc. 850$00

Ainda temos algumas agencias vagas na Provincia.
VENDA EM LISBOA:

CASA A. VIEIRA — R. D. Pedro V, n.º 3.
DUELMAR, L.DA — R. da Assunção, 42, 1.º.
RADIO REPARADORA — R. da Palma, 165, 1.º.
RADIO S. BENTO — R. de S. Bento, 394.
RADIO METROPOLE — R. Tomaz da Anunciação, 120.
TABACARIA NOVA LUSA — R. de S. Nicolau, 112.

Representantes exclusivos: **Radio Industrias, L.da** — Rua da Madalena, 85, s/l. — LISBOA

NOTICIAS DO BRASIL

Associação Portuguesa de Desportos

RIO DE JANEIRO, 17. — A Associação Portuguesa de Desportos, de Santos, comemorou o 19.º aniversario da sua fundação. Realizou-se uma sessão solene durante a qual o jurisconsulto dr. Roberto Moreira, fez uma dissertação sobre a «Confraternização Luso-Brasileira». — (Havas).

A' volta dum testamento

RIO DE JANEIRO, 17. — A proposito do testamento deixado por Joaquim Gonçalves Moreira sobre o qual já fôram dadas noticias, ha a acrescentar mais alguns pormenores sobre a distribuição da fortuna do extinto:

Deixou 50 contos á Igreja da Imaculada Conceição; 50, á Ordem Terceira da Penitencia do Rio; 50, ao Clube Português do Rio; 50, á Academia Paulista de Letras. A uma sobrinha deixou cêrca de 30 contos em acções; 30 contos a um seu afilhado; 20 contos a uma orfã de Jacana; 20 contos á Sociedade dos Medicos da Beneficencia Portuguesa; uma mensalidade a parentes e protegidos residentes em Portugal; 20 contos ao Asilo da Divina Providencia; 20 contos ás associações de S. Vicente de Paula e «Vasco da Gama»; 50 contos aos doentes de Santo Angelo. A casa da residencia do falecido, avaliada em 400 contos, foi legada ao seu sobrinho Antonio Arantes Dias. A's empregadas que o serviram deixou mensalidades que variam entre 500$000 a 1.500$000, pagas pela Santa Casa, emquanto viverem.—(H.).

A situação dos austriacos

sob o dominio alemão

PARIS, 17.—Hans Rott refere-se em «Le Journal» ao terror a que se encontram expostos os austriacos depois do «Anschluss».

Rott, ministro do ultimo governo Schuschnigg que conseguiu fugir para o estrangeiro, afirma que o terror na Austria não é, como geralmente se supõe, uma consequencia do fanatismo racial contra os israelitas. São tambem alvo de perseguições, catolicos, antigos membros da Frente Patriotica, legitimistas e, naturalmente, socialistas. Os austriacos que tinham confiança em Hitler conhecem agora a opressão com todos os seus horrores. Mas—segundo Rott—o caso mais tragico é o dos austriacos do Tirol italiano.

«Aqueles homens—diz Rott—foram expulsos de suas casas pela vontade conjugada dos dois ditadores. Não se trata de judeus, mas sim de austriacos que poderiam um dia tornar-se no pômo da discordia susceptivel de comprometer a solidez do eixo». Rott, porém, entende que a hora da ressurreição soará e que o grande passado da Austria é o penhor do seu futuro. —(Havas).

Comercio do Reich

Um acôrdo com a Grecia

BADGASTEIN, 17 — Iniciaram-se as negociações da comissão governamental mixta germano-grega para regular as trocas comerciais.

Estas negociações efectuam-se anualmente, antes de expirar o acordo em vigor. No ano corrente abrangem tambem as trocas entre a Grecia e o protectorado da Boémia e Moravia. — Havas).

Restaurante Clementina
Casa que se recomenda em Lisboa.
Rua Jardim do Regedor, 37, 1.º
Telefone 2 4669

BICICLETAS
Grande baixa de preços
Pneus MICHELIN
ARMANDO CRESPO
116 — Rua Crucifixo — 124
Telefone: 2 7027

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico *SEMPRE FIXE.*

O MOMENTO INTERNACIONAL

Em Londres receia-se que esteja iminente a ocupação de Bratislava

Os quarteis da capital eslovaca já foram abandonados a fim de neles se poderem instalar tropas alemãs

LONDRES, 17. — O «Times» recebeu de Bratislava uma informação não-oficial mas digna de todo o credito, segundo a qual será brevemente instalado, naquela cidade, um comando militar alemão. O facto dos quarteis na Eslovaquia terem sido parcialmente evacuados para neles se alojarem tropas alemãs, permite recear que está iminente a ocupação oficial da capital eslovaca. As cidades ao longo do vale do Vah, assim como do Trencion e Zilina encontram-se mais cheias de tropas do que habitualmente, e todas as estradas que conduzem a Zilina—principal entroncamento ferroviario da Eslovaquia estão fechadas á circulação particular. As fortificações do vale do Vah estão guarnecidas com os efectivos maximos. Os hungaros que vivem na Eslovaquia e pretendem ir a Budapeste para as festas de Santo Estevão, declaram ser quasi impossivel aos eslovacos sairem da Eslovaquia para a Hungria. — (Havas).

O alto comissario polaco regressou a Dantzig

DANTZIG, 17—Cholacki, comissario geral da Polonia, chegou esta manhã de Varsovia, onde expôs a Beck as conversas que teve com Burckhardt e o presidente do Senado de Dantzig, Greiser.—(Havas).

Nas paredes da Cidade Livre foram afixados manifestos contra Forster

DANTZIG, 17. — Durante a noite voltaram a ser afixados nas paredes manifestos a atacar o «gauleiter» Forster, pessoal e politicamente. Este facto deu motivo a que fossem efectuadas mais algumas dezenas de prisões.

Alguns dos individuos presos foram mais tarde postos em liberdade pelas autoridades nazis.

Nos manifestos afixados afirma-se que Dantzig, custe o que custar, nunca será incorporada no Reich e que os polacos residentes na Cidade Livre serão suficientes para não consentirem qualquer acto de fôrça.—(United Press).

O Reich tenta repetir a tentativa que lhe deu a vitoria em setembro

VARSOVIA, 17. — «Tudo indica que a Alemanha tenta repetir a tactica utilizada contra os sudetas no caso do seu litigio com a Polonia»—escreve o «Kurjer Poranny». A Alemanha prepara as mesmas «étapes»: criar uma tensão politica extrema na Europa, provocar um enervamento geral e, finalmente, levar as potencias cheias de receio a Munich, onde se lhes ditaria a nova paz. O Reich prepara novas ratoeiras: inventa reivindicações minimas e apresenta-as como sendo as ultimas. Volta-se depois para a opinião mundial e pregunta se vale verdadeiramente a pena recorrer á guerra por causa de uns problemas sem importancia. A Alemanha está convencida—conclue o jornal—de que no ultimo minuto terá uma resposta positiva e que a Europa cederá, se estiver suficientemente desmoralizada». —(Havas).

Os polacos tomam severas medidas de repressão em relação á minoria alemã

VARSOVIA, 17—Segundo uma fonte de informação alemã, um membro da embaixada germanica em Varsovia realizará uma diligencia junto do ministro dos Estrangeiros polaco a-fim-de obter esclarecimentos sobre a prisão de varios cidadãos alemães acusados de espionagem e manobras para distrair atenções. Recorda-se que foram presos em Katowice 60 membros da minoria alemã e dez nazis, assim como o chefe do partido «Jovem alemão na Polonia», Rudolf Wiesner. A detenção de Wiesner provocou viva indignação nos circulos alemães da Polonia, e tal indignação manifesta-se hoje por ataques energicos na Imprensa nazi contra «o terror polaco contra pacificos e inocentes alemães na Alta Silesia». A Imprensa alemã diz que esta acção de depuração prossegue, e provoca satisfação unanime na opinião publica polaca, que felicita os dirigentes de Varsovia por não terem hesitado em recorrer a meios radicais. Declara a referida Imprensa que se ignora por enquanto, visto o governo polaco nada ter publicado a esse respeito, qual é a acusação feita a Wiesner, perante o tribunal. Finalmente, corre o boato que serão tomadas, em breve, na Polonia, providencias contra os jornais das minorias alemãs, devido á apreensão e suspensões de que são continuadamente alvo os jornais de lingua polaca que aparecem na Alemanha.—(Havas).

Que vai fazer a Hungria?

O ministro dos Estrangeiros da Hungria está ainda em Salzburgo

SALZBURGO, 17. — O conde de Csaky, ministro dos Negocios Estrangeiros da Hungria, dirigiu-se hoje ás 11 e 30 para a residencia de Ribbentrop. Corre o boato de que os dois estadistas vão visitar esta tarde Hitler, em Obersalzberg. Em Berlim continua a afirmar-se que nada consta sôbre as repetidas entrevistas de Ribbentrop com Csaki, continuando a dizer-se que o ministro dos Negocios Estrangeiros da Hungria é hospede particular do dr. Frick.—(Havas).

Os soldados hungaros só obedecerão ás ordens de dirigentes hungaros

BUDAPESTE, 17. — No decurso de uma cerimonia em Tishany, em memoria do rei Carlos II, o conde Sigray, membro do parlamento, expôs os motivos que levaram á guerra de 1914 e ao desmoronamento da monarquia austro-hungara.

«Na proxima guerra—disse—a potencia que tiver o dominio dos mares pode contar com a vitoria, pois, de facto, dispõe de todos os recursos do mundo, e das materias primas indispensaveis».

«O orador defendeu a seguir a opinião de que uma nação ameaçada pela violencia que não pega em armas, se expõe a todas as humilhações. Concluiu dizendo que o exercito hungaro, que aguentou com brilho a prova de fogo, não poderia obedecer a outras ordens além daquelas que lhe sejam dadas por hungaros.—(Havas).

A resolução britanica

O tratado de aliança anglo-polaca será assinado dentro de 15 dias

LONDRES, 17. — O redactor diplomatico do «Finacial Times» prevê que o tratado de aliança anglo-polaco será assinado em Londres dentro de quinse dias por lord Halifax e Raczinski, embaixador da Polonia. Não será mencionado nêsse tratado o nome de nenhum outro país. As suas clausulas serão conformes á declaração de Chamberlain, feita nos Comuns, segundo a qual o tratado não é dirigido contra nenhum país, pois visa a assegurar a assistencia mutua da Grã-Bretanha e da Polonia em caso de ameaça directa ou indirecta contra a independencia de uma daquelas nações».—(Havas).

Chamberlain regressa a Londres no começo da proxima semana

LONDRES, 17. — Lord Halifax, que partiu para Yorkshire depois de ter estado três dias em Londres, regressa á capital no principio da proxima semana. Chamberlain virá a Londres na mesma ocasião, de acôrdo com o que estabelecera antes de iniciar as suas férias. O Primeiro ministro e o ministro dos Estrangeiros, durante a sua proxima estada em Londres, examinarão em conjunto, e com os outros ministros que se encontrem na capital, a evolução da situação internacional.—(Havas).

O anunciado discurso de Baldwin

NOVA YORK, 17.—Durante o banquete dos delegados ao congresso de Educação pró-democracia, Baldwin Bewdeley afirmou:

«No mundo actual os grandes acontecimentos registados num continente têm repercussões no outro. Ninguem pode viver num jardim cercado de muros.

A liberdade e a humanidade estarão em jôgo na proxima guerra, mas se a guerra estalar, encontrará o povo britanico unido como nunca, dispondo de poderosos recursos materiais, e intimamente convencido de que a liberdade e a humanidade estão dependentes do resultado da guerra».

O ex-presidente do Conselho, sublinhando que falava em seu nome pessoal, disse: «A democracia deve trabalhar e preparar-se para morrer pelos seus ideais democraticos como os nazistas e comunistas estão preparados para morrer pelos seus».

Baldwin acrescentou ainda: «Não podemos educar os povos levantando os braços ao ceu para significar o horror que sentimos perante o procedimento nos Estados totalitarios. A forma como um país é governado interessa apenas o proprio país. Só quando um país totalitario impõe, ou tenta impôr o seu sistema de governo aos outros povos para além das fronteiras é que a sua acção afecta todos os homens livres».—(Havas).

A Inglaterra prefere bater-se a vêr Hitler dominar a Europa

QUEBEC, 17.—«A Inglaterra prefere bater-se a vêr Hitler dominar a Europa»—declarou «lord» Maugham, num discurso que pronunciou nesta cidade.

«A Grã-Bretanha — acrescentou — não permitirá que Hitler imponha pela força, a povos não alemães, um regime que eles detestam. Se Hitler não tiver em conta os avisos que tantas vezes lhe têm sido feitos, é natural que estale um conflito».—(Havas).

A incognita italiana

A atitude do Duce continua a ser incerta?

LONDRES, 17—Segundo o «Daily Sketch», os relatorios dos circulos diplomaticos de Roma ha pouco chegados indicam que a situação actual causa inquietação consideravel em Italia.

«E' esta uma das razões—diz—por que as autoriddaes italianas não procederam a nenhuma demonstração belicosa chamando reservistas ao mesmo tempo que o Reich. Os circulos diplomaticos estão convencidos de que as conversações germano-italianas não chegaram a nenhuma conclusão e que a atitude do Duce continua sendo incerta».—(Havas).

Movimento de diplomatas em Roma

ROMA, 17. — «Sir» Percy Lorraine, embaixador da Grã-Bretanha, chegou a Roma depois de alguns dias de descanso no norte da Italia. O barão Villani, ministro da Hungria junto do Quirinal, deve regressar muito brevemente ao seu posto, de regresso de Budapeste. Relaciona-se a vinda do ministro da Hungria com a do embaixador polaco, general Delugoszowski, que depois de alguns dias passados na Polonia, onde assistiu em Cracovia ao congresso dos legionarios polacos, regressou ao seu posto, ha dias.—(Havas).

Noticias diversas

A divulgação de planos de paz é um novo episodio da guerra dos nervos

LONDRES, 17. — Os jornais dizem que em Londres nada se sabe acêrca dos planos de paz que são considerados como uma nova manobra da guerra dos nervos. Toda a Imprensa afirma, mais uma vez, que por maiores que sejam os desejos das potencias ocidentais de que se chegue brevemente a um acôrdo, elas não encaram, certamente, discussões de que se exclua a Polonia. O «Times» declara que o governo inglês não se impressiona com aqueles boatos e que «prefere concentrar a sua atenção noutros factos: a pressão alemã sôbre a Polonia, a mobilização de dois milhões de homens na Alemanha, o encorajamento dado ao Senado de Dantzig e os encorajamentos reciprocos das potencias da frente da paz.—(Havas).

As negociações de Moscovo

PARIS, 17. — A agencia Fournier informa de Moscovo que as quatro primeiras sessões dos representantes militares franceses, ingleses e sovieticos permitiram estabelecer os principios gerais da colaboração militar entre os três países. No entanto, subsistem certas divergencias nalgumas modalidades, especialmente no que se refere aos interesses sovieticos no Extremo Oriente. As missões francesa e inglesa pediram novas instruções aos seus governos». — (D. N. B.).

Um bonito gesto

A condessa do Castelejo tem, com razão, orgulho das suas lindas mãos aristocraticas, finas e brancas, de unhas nacaradas. E' sem duvida por isso que ela só acende os seus cigarros com fósforos. O gesto é de facto mais bonito que o de acender um isqueiro e tem a vantagem de não deixar nos dedos um desagradavel cheiro a gasolina.

O vosso receptor é antiquado? ou funciona mal? Faça a troca por um famoso

Supersom

Reprodução fiel de todos os sons
Rua da Conceição, 35, 1.º
LISBOA

CASA MOBILADA

Vende-se recheio completo, ou aluga-se. Chauffage, casa de banho luxuosa, mobiliario da Casa Jalco, cortinados, carpetes e lustres de cristal. Rua da Praia da Victoria, 19-r/c.
Tratar das 10 h. ás 13 h. e das 14 ás 19 h.

Á LINDA PROVÍNCIA DA BEIRA-BAIXA

Brindo com "pôrto" pela vossa prosperidade e pela ventura de vossas familias. Acompanhai-me neste brinde!

IMPERIUM SALÃO DE CHÁ
LANCHES-BANQUETES-ALMOÇOS-JANTARES
Rua S. Justa 105 - T 27527

M.CAMPOS

PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA

O encanto natural da mulher que quere conservar a sua beleza deve ser completado com uma escolha criteriosa de produtos de beleza.

Os produtos de beleza RAINHA DA HUNGRIA embelezam, provocam e conservam o encanto. Para peles normais deve substituir-se o sabonete pela PASTA DE AMENDOAS RAINHA DA HUNGRIA, que refresca, torna a pele fina, transparente e aveludada. Preserva a pele do cieiro, manchas, sardas e irritações. Conserve a frescura do seu rosto com AGUA RAINHA DA HUNGRIA, que purifica a epiderme e limpa os poros. Use o PO' DE ARROZ RAINHA DA HUNGRIA e aplique na sua «toilette» os CREMES de dia e de noite que evitam rugas, tonificam e aveludam a epiderme.

Para cada caso especial da sua pele consulte a

Academia Scientifica de Belleza

Av. da Liberdade, 35 — Lisboa

Telef. 2 1866

Os nossos produtos encontram-se á venda nas boas casas ou enviam-se contra reembolso para as localidades que os não tenham.

Quinta-feira

por Norberto de Araujo

Venus de oculos pretos

Ha uma vintena de anos as mulheres renunciaram a um dos seus encantos mais puros: os cabelos.

Obedeceram, com algumas resistencias logo vencidas, á moda vinda de fora, que estabelecera a abolição do toucado, o corte das tranças.

Decretou-se a igualdade da nuca perante a lei.

A cabeça da mulher não é menos livre do que a cabeça de um homem.

Por consequencia — cabelos fora.

Desapareceu a nuvem de oiro ou de azeviche caindo pela nuca á espadua. O toucador não cessou a sua função magica e misteriosa, de «atelier» de beleza. Mas viu a sua missão simplificada pelas «permanentes» que exigem apenas um leve toque.

A moda desagradou ao egoismo dos homens — da maioria dos homens —, que se enlevavam ainda nos toucados caprichosos — e na visão dos cabelos soltos.

Linda cousa os cabelos caidos de uma mulher — tema que endoideceu pintores, motivo que enterneceu poetas, sugestão eterna de enamorados que amaram assim, e não se esqueciam!

Mas a revolução não deu guerra civil.

Justificava-a a necessidade imperiosa e fatalista de criar uma forma nova, de dar á beleza da cabeça de uma dona uma expressão sintetica.

Apoiava-a, ainda e sobretudo, um principio de higiene.

A revolução foi salutar; os extremistas do conservantismo aderiram.

Triunfou uma nova beleza.

Os homens cabeleireiros reconheceram que uma nova Arte surgira. Aquele encanto natural da mulher deu margem a artificios inconcebiveis de graça.

E até se encontrou uma plataforma que tornou possivel, á mulher, sem se desfazer da sua cabeleira — fingir que a não possue.

Renuncia que se atenuou. A mulher afinal não cedeu uma particula da sua beleza: transformou apenas essa beleza.

E quedaram-se os protestos dos pais, dos esposos, dos noivos conservadores, dos homens vis que ainda entoavam, como no tempo das ceroulas de atilhos:

Nas ondas dos teus cabelos
quero deitar-me a afogar...

* * *

Mas agora chegou uma outra moda —por generalizar é certo—, mas que nem por ser transitoria, e oferecer um aspecto benigno, deixa de merecer reparo.

As mulheres começaram a usar— oculos pretos.

A moda veio talvez de bordo—a necessidade de vencer o Sol—, e chegou ás praias—a necessidade de dominar a luz aureolada das areias.

E daí, esquecida a razão momentanea de ser, passou ás cidades em sombra, aos casinos, aos teatros, á vida normal.

A mulher renunciou ao seu mais nobre encanto natural, á expressão mais doce e sugestiva da sua beleza.

Foi-se aos olhos—e cegou-os.

Arrancou do rosto—a alma.

Olhos—para quê?

Duas lanternas negras, sob a fronte, duas lanternas opticas que não deixa ver a «menina dos nossos olhos».

Dois discos escuros, opacos que amortecem a luz do sol e a tonalidade indecisa das meias sombras—e mataram o que o Criador deu á mulher de mais belo.

Olhos—para quê?

Os vidros deram-se á ilusão de uma graça nova e original; a mulher contentou-se em ver e não ser vista.

Suprimiu, num suicidio de beleza que vinha de Deus, e não dos «ateliers», o encanto refulgente das ruas.

Olhos das mulheres de Lisboa! Não vos deixais ir na corrente!

Venus de oculos pretos—que monstruosidade!

Se me fôsse permitido, diria: que sacrilegio!

Ramalho Ortigão disse algures que as mulheres de Lisboa não tinham mais nada «senão» os mais belos olhos do mundo.

E João Chagas, que correra outras Holandas, e possuia um instinto critico da beleza, escreveu que uma vez passando em Lisboa com dois diplomatas da sua intimidade, eles lhe haviam observado, isoladamente um do outro, e por consequencia com o valor de dois depoimentos uniformes mas espontaneos:

—Não ha olhos mais belos de mulher em qualquer cidade da terra...

Agora—oculos pretos.

Felizmente que a moda, como uma greve de claridade, é parcial. E ainda bem que ha mulheres que não trocam os seus olhos pelos olhos dos oculistas de vidraça opaca, talvez porque, generosamente, se aperceberam de que eles nos fazem falta.

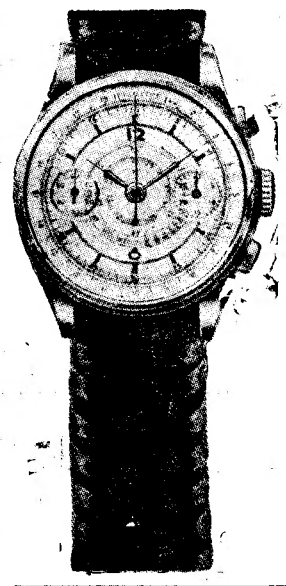
Se a moda pegasse, se a ameaça de ver a vida dos sentidos reduzida á escuridão se convertesse em realidade —teria desaparecido da Terra uma das maravilhas da criação. Uma das graças de Deus, que não deu á mulher o direito de o negar—através da supressão voluntaria do seu dom.

Até nas orbitas sem iris das estatuas cegas nos jardins antigos, até nas Venus de pedra de mutilados braços onde ardem liquens—a luz palpita e a beleza está a reflectir a alma de um modelo longiquo, mulher viva que foi loucura dos Fidias enamorados.

E se as mulheres teimassem, numa inconsciencia de suicidas obstinadas, em envidraçar os olhos de dó—então restar-nos-ia proteger as crianças, não as deixando cair na tentação.

Esperar que elas crescessem para que, nós homens, um dia vélhinhos, pudessemos morrer—com luz.

NORBERTO DE ARAUJO



CERTIFICADO DE AUTORIDADE

A Fábrica «BREITLING» da Suiça, mundialmente conhecida como fabricante dos melhores cronógrafos próprios para Ex.mos Senhores **Engenheiros, Médicos, Desportistas e Oficiais do Exército,** submeteu à experiência por intermédio da Aeronáutica Portuguesa os seus cronógrafos, próprios para aviões, e abaixo citamos a carta recebida da mesma Repartição dirigida ao representante em Portugal:

Direcção da Arma de Aeronáutica
Repartição de Material n.° 869

S. R.

39-D. A. A. Ex.mos Senhores

Sua Ex.a o Director da Aeronáutica encarrega-me de comunicar a V. Ex.as, em referência à vossa carta de 8 do corrente, que tendo sido ***submetidos a experiência os dois relogios cronógrafos n.cs 618 e 619 marca «BREITLING»,*** **os mesmos provaram serem bons relógios de bordo para avião.**

Logo que os relógios sejam recebidos da Base Aérea de Sintra, onde foram feitas as experiências, informaremos V.as Ex.as.

A BEM DA NAÇÃO

Lisboa, 20 de Junho de 1939.
Ex.mos Snrs.
I. WAKMANN, LIMITADA
Rua Augusta, 89, 2.o, Esq.o — Lisboa

O Chefe da Repartição
Fernando Tartaro
Capitão aviador

A' venda nas boas relojoarias e ourivesarias

Enviamos circulares para os Ex.mos Snrs. médicos, desportistas, etc.

Vida desportiva

AUTOMOBILISMO

IV «Rallye» Automovel á Figueira da Foz

Encerrou-se ontem a inscrição para o «IV «Rallye» Automovel á Figueira da Foz, organizado pelo «Club dos 100 á Hora», de colaboração com a Comissão Municipal de Turismo daquela praia.

Está a despertar o maior interesse, na Praia da Figueira da Foz o IV «Rallye» Automovel e Gincana, que o «Club dos 100 á Hora» promove, nos dias 19 e 20, sabado e domingo. De acôrdo com a Comissão de Turismo, o programa destas provas foi assim elaborado:

Sabado, 19—Chegada dos concorrentes, a partir das 23 horas, sendo o local de chegada estabelecido na avenida Saraiva de Carvalho, em frente da estação do caminho de ferro.

Domingo, 20—A's 9 horas e 30, 1.a prova complementar de aceleração e travagem, na avenida Saraiva de Carvalho, junto á Camara Municipal. A's 11 horas, gincana automobilista, com a inscrição aberta aos concorrentes do «Rallye» e aos automobilistas que se encontrem na Figueira. A's 14 horas e 30, 2.a prova complementar de classificação do «Rallye» na avenida Salazar, em frente á praia. A's 22 horas, distribuição de prémios das duas provas, no Casino Peninsular, seguindo-se baile.

Além dos prémios oficiais do regulamento, ofereceram taças o Casino Peninsular, Restaurante Santiago, de Leiria, e Comissão Municipal de Turismo de Leiria.

FOOTBALL

Sporting Club de Portugal

Na secretaria do S. C. P. encontra-se aberta a inscrição para todos os associados que desejem representar o clube em «foot-ball» durante a futura época. O horario de treinos será brevemente anunciado.

NATAÇÃO

O «Vacuum Clube» realiza um festival de Natação, depois de amanhã, ás 16 horas, na piscina do Club Sportivo de Pedrouços.

Aeronautica

O entusiasmo da Guiné

Segundo noticias recebidas ultimamente em Lisboa, cresce, na Guiné, o entusiasmo pela aviação. O sr. major Sergio da Silva, director do aeroporto de Bolama e orientador aeronautico da colonia, não se tem poupado a esforços para que triunfe a iniciativa para a fundação de um Aero-Clube.

O avião «Dili», ao serviço da colonia, tem realizado ao interior varias viagens de inspecção. Em varias circunscrições principiou a construção de campos. Os de Farim e Bafatá serão os primeiros a ser inaugurados. Iniciaram-se já, tambem, as negociações para a compra de um avião-escola.

DE LUTO

Antonio Luiz Mouchet

Faleceu hoje o antigo actor Antonio Luiz Lourdes Oldembergue Mouchet, filho do enfermeiro-chefe, fiscal do Hospital Escolar. O seu funeral realiza-se amanhã, para o cemiterio do Alto de S. João, pelas 17 e 30.

SUFRAGIOS

Carlos Nazaré Silva Costa Alves

Por alma do malogrado estudante Carlos Nazaré Silva Costa Alves, vitima do desastre de aviação sem motor no Algueirão, e comemorando o 30.º dia do seu falecimento, reza-se amanhã, pelas 10 e 30, na igreja de Santa Isabel, missa mandada celebrar por sua familia.

PUBLICAÇÕES

«Guia-Horario de Camionagem e Caminho de Ferro de Lisboa»

Recebemos a «Guia-horario de Camionagem e Caminho de Ferro de Lisboa», interessante e util publicação de Carlos Barros, editada pelo Anuario Automobilista, cuja sede é na travessa da Pena, 1, 1.º, em Lisboa.

«O Volante»

Está publicado o n.º 483 de «O Volante». Além de informação completa nacional e do estrangeiro, publica alguns artigos da maior utilidade e interesse.

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 18. — Santa Clara de Montefalco.

Lausperene, sai da igreja de S. Mamede para a de Nossa Senhora do Amparo, em Benfica.

S. Mamede, ás 11 e 30, missa solene e procissão da reposição do Santissimo.

Igreja de Benfica, ás 11 e 30, missa, por musica; ás 18, devoção ao Santissimo.

Graça, ás 11, missa no altar do Senhor dos Passos e exposição da imagem nas igrejas do costume.

Vida mundana

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa de Rio Maior, D. Maria do Carmo de Barbosa Vilhena Bourbon, D. Joana de Castelbranco Mendes da Silva, D. Elisa de Campos Henriques de Almeida Braga, D. Maria Helena Gandon Burnay, D. Graça Maria O'Neill de Roure Roquete, D. Maria Amelia Taborda Bonde de Sousa, D. Emilia Chain de Salgado Zenha, D. Clarisse Maria de Meneses Cardoso e Silva de Cabedo, D. Eugenia Manuel de Mendonça, D. Maria José Berquó de Faria Manuel de Meneses, D. Adelaide Maria Mira Mendes Vaz da Silva.

CASAMENTOS

Celebrou-se na capela do Carvalhal, em Torres Vedras, com a maior intimidade o casamento da sr.ª D. Maria Camila Galvão Mexia de Almeida Fernandes Vilela, gentil filha da sr.ª D. Maria Camila Galvão Mexia de Almeida Fernandes Vilela e do sr. Henrique Maria Pedreira Vilela, com seu primo o sr. dr. José Luiz de Magalhães Galvão Mexia de Almeida Fernandes, filho da sr.ª D. Maria Carlota Coutinho Castelo Pinto de Magalhães de Almeida Fernandes e do sr. Alexandre Galvão Mexia de Moura Teles de Almeida Fernandes. Serviram de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimonia religiosa, foi servido no salão de mesa do palacete da Quinta do Carvalhal um finissimo lanche. Os noivos, a quem foram oferecidas artisticas prendas, partiram para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

NA COSTA DO SOL

No Casino Estoril

A «matinée» de amanhã no Casino Estoril, organização de Anibal Contreiras, promete ser a continuação das elegantissimas tardes de sextas-feiras, ponto mundano de reunião.

Para a tarde de amanhã, em que já estão marcadas muitas mesas, promete o organizador algumas surpresas interessantes.

EM VIAGEM

Para S. Martinho do Porto, partiram os srs. marqueses de Rio Maior.

— Partiu do Porto para as Pedras Salgadas o sr. visconde de Vilarinho de São Romão.

— Regressou da Praia de Vieira de Luzia, a Leiria, o sr. José Diogo de Oliveira Junior.

— Está na Casa Vergani, nas Azenhas do Mar, o sr. Antonio Leal.

Partiram para S. Martinho do Porto, os srs. marqueses de Rio Maior.

—Do Porto, partiu para as Pedras Salgadas, o sr. visconde de Vilarinho de S. Romão.

—Para Cascais, partiu o sr. dr. Domingos Pinto Coelho.

Dr. Bastos Gonçalves
Calçada da Estrela, n.º 129- r/c

Um comunicado do governo boliviano

O consulado geral da Bolivia em Portugal recebeu do governo do seu país o seguinte comunicado, cuja publicação nos pede:

«O 5.º Congresso dos concessionarios de minas, reunido em La Paz, considerou o aspecto de segurança de que necessitam os capitais estrangeiros que entrem no país. A abstenção de entrada dos ditos capitais, notoria nos ultimos tempos, deve-se ao infundado receio da sanção de leis impositorias que não dêem aos capitalistas margem a uma justa remuneração do capital. Por outro lado incorre-se tambem no receio, igualmente infundado, de que o Estado boliviano se constitue socio dos capitalistas, assenhoreando-se de parte dos capitais. Como toda a classe de inversão de capitais estrangeiros destinados ao incremento das industrias mineira, agricola e manufactureira, conta com a fiança e a garantia oficiais, é oportuno levar ao conhecimento da opinião publica estrangeira, que não se pensou alterar nesta ordem o criterio que as leis bolivianas concedem ao capital, podendo ainda acrescentar-se que o governo da Bolivia dispensa as maiores facilidades e garantias aos capitalistas interessados em ir áquele país, com o fim de desenvolver a industria mineira ou qualquer outra proveitosa para a economia nacional.

DESASTRE MORTAL

VILA DO CONDE, 16.—Hoje, na freguesia de Touguinhó, dêste concelho, cêrca das 11 horas, quando o pequeno José, de 11 anos de idade, filho de Guilhermina Gomes da Silva, operaria da fabrica «Rio Ave», se encontrava a brincar perto de uns trabalhadores encarregados de deitar abaixo um eucalipto, este, caindo sôbre a infeliz criança, deu-lhe morte horrorosa.

A' COLONIA ESPANHOLA

Uma bôa nova

A CASA DOS AZEITES encarrega-se de enviar para toda a Espanha os seus magnificos Azeites (importados directamente de Castelo Branco) em quantidades não superiores a 10 kilos.

A CASA DOS AZEITES
R. MARQUÊS DA FRONTEIRA, 121
Telefone 45418
Garantimos a entrega.

Viajar é bom...

de graça ainda melhor

COMPRANDO UM

PHILIPS

até 31 de Agosto poderá fazer uma das

25 VIAGENS DE FÉRIAS

Informe-se hoje mesmo junto dos nossos revendedores ou nas salas da Exposição

Avenida da Liberdade, 3 — LISBOA

PHILIPS

Av. dos Aliados, 151 — PORTO

Exija na compra do aparelho o nosso certificado de garantia, só com êle lhe será entregue a senha que o habilitará a uma das 25 viagens

TERMAS DE CALDELAS
Doenças do aparelho digestivo
SINDROMOS COLIBACILARES
10 de Junho a 10 de Outubro

CALDELAS
GRANDE HOTEL DA BELA VISTA
O melhor da Estancia completamente modernisado. ABERTURA A 10 DE JUNHO

DEUTSCHE AFRIKA-LINIEN

C.las Alemãs de Navegação para Africa

PROXIMAS SAIDAS

África Ocidental	AFRICA ORIENTAL	Norte da Europa
Las Palmas, Monrovia, Takoradi, Accra, Lagos/Apapa, Victoria, Duala, Pointe Noire e Matadi.	Cadiz, Ceuta, Malaga, Palma de Maiorca, Génova, Port Said, Suez, Port Sudan, Aden, Mombaça, Tanga, Zanzibar, Dar-es-Salam, Porto Amelia*, Moçambique*, Beira*, Lourenço Marques*, Durban, East London, Port Elisabeth, Capetown, Luderitzbucht, Walfishbay:	Southampton, Anvers ou Rotterdam, e Hamburgo:
"CAMERUM„ em 12 de Setembro.	***"USAMBARA„ em 31 de Agosto	* "UBENA„ em 24 de Agosto.
«TOGO» em 11 de Outubro.	"UBENA„ em 2 de Outubro.	"USSUKUMA„ em 5 de Outubro.
	"WATUSSI„ em 30 de Outubro	"WANGONI„ em 27 de Outubro.
	* *Para êstes portos só se recebem passageiros.* ** *Não toca em Cadiz.*	* *Não toca em Anvers.*

AGENTES GERAIS:

Sociedade Insulana de Transportes Maritimos, L.da

Praça Duque da Terceira, 20
Telefones 2 9725-2 9726

Festas da Agonia

Comboio Turistico a Porto e Viana do Castelo, organizado pela C. P.

Nas informações da Estação do Rossio, 1.º está aberta a inscrição para este comboio, cujo programa é o seguinte:

DIA 19 DE AGOSTO—Partida de Lisboa-Rossio ás 7 e 27. Chegada ao Porto, ás 13 e 5. Instalação nos hoteis e pensões. Almoço. Tarde livre. Jantar e dormida.

DIA 20—Pequeno almoço. Partida do Porto ás 7 e 12. Chegada a Viana ás 9 e 23. Almoço e jantar. Dia e noite livres até á hora da partida do comboio, depois do fogo de artifico.

DIA 21—Partida de Viana ás 3 horas. Chegada a Lisboa ás 11 e 1.

Preço «tudo compreendido» 235$00 em 1.ª classe e 185$00 em 2.ª tendo os excursionistas de 1.ª classe preferencia nos hoteis no Porto.

No programa dos festejos do dia 20, figuram os seguintes numeros: Terceira Feira Franca; Festa do Trajo e da Lavradeira; Segunda Tourada e á noite a Grandiosa Serenata no rio Lima, durante a qual serão queimados vistosos fogos do ar, preso e aquatico, raro espectaculo de arte e beleza.

Como se vê, este comboio permite passar em Viana o principal dia dos festejos, dando ainda ensejo para uma visita á progressiva capital do Norte, com alojamento e refeições incluidas, tudo por um preço minimo.

Para este comboio vendem-se tambem bilhetes só com direito a transporte em caminho de ferro, aos preços de 185$00 em 1.ª classe e 135$00 em 2.ª.

Todos os bilhetes podem ser prorrogados para regressar de Viana pelos comboios ordinarios, pagando a taxa de 20$00 em 1.ª classe e de 10$00 em 2.ª: os «tudo compreendido» até ao dia 24 do corrente e os «só transporte» até ao dia 31.

As pessoas da provincia devem inscrever-se por carta ao Serviço de Turismo da C. P.—Estação do Rossio, 1.º—Lisboa (Telefone 2 4145) ao qual podem tambem requisitar bilhetes complementares com 45 % de redução entre qualquer estação da C. P. e o ponto em que tomem o comboio.

A C. P. oferece-vos

O XII EXPRESSO POPULAR

em 20 de Agosto

Lisboa—Obidos ou Caldas da Rainha e S. Martinho do Porto e volta
por 20$00
Marcação de lugar..... 2$50

Bilhetes á venda na estação do Rossio (Informações), 1.º andar — Esclarecimentos pelo telefone 2 4031.

Termas de Caldelas

Cura dos doentes do intestino. Estancia de repouso e regimens, devidamente saneada
ABERTURA A 10 DE JUNHO

FÔRÇAS ESGOTADAS?

...num momento possuirá maior vitalidade e poder de atracção...

A AGUA DE COLÓNIA

ATKINSON

refresca-a num momento

Sente-se cansada e desanimada? Num minuto, o contacto da Água de Colónia Atkinson nas frontes e lóbulos das orelhas, dar-lhe-á frescura e boa disposição.

A fragrância e frescura da invariável qualidade da Água de Colónia de Atkinson, fazem com que seja a preferida das mulheres inteligentes.

ÁGUA DE COLÓNIA
Medalha de ouro
ATKINSON

Já experimentou a Água de Alfazema Atkinson? É um perfume favorito dos ingleses. O melhor é Atkinson.

A' margem da semana

Compensações

Este ano foi tão grande a percentagem de derrotas *nos exames dos liceus que creio ser mais honroso para nós atribui-los a programas sobrecarregados, pontos dificeis e excessivo rigor, do que a estupidez ou cabulice levada a grau tão elevado. Faço essa justiça á novissima geração.*

Mas vem a proposito, como consolação, contar um episodio passado este ano, em França, com Jean-Jacques Brousson, escritor notavel, conhecido secretario de Anatole France e seu biografo, num livro que, se não é generoso é, pelos menos, muito interessante.

Anatole France, através das cronicas de Brousson, seu discipulo, fica mais evidente nos seus defeitos, mas mantém as suas qualidades.

Jean-Jacques Brousson é natural da cidade de Uzés e por ela foi convidado a ir ali, este ano, fazer a distribuição de prémios aos estudantes laureados. Forçoso se tornava, é claro, pronunciar um discurso. Ora o secretario de Anatole não podia dar-se como exemplo aos seus juvenis ouvintes. Nunca tinha sido, ele proprio, um estudante premiado,—o que não o impediu, comenta a noticia, de seguir o seu caminho na vida...

Brousson, no seu discurso, absteve-se, pois de recordar o passado, compreendendo que seria contraproducente fazê-lo, quer atribuisse o seus anodinos principios de estudante á deficiencia ou injustiça dos mestres ou ao seu proprio desleixo.

Mas Jean-Jacques Brousson não era tambem homem que pudesse calar, até ao fim, um facto de que ele entendia que se podia tirar humoristico exemplo e prémio de consolação. Acrescentou, por isso, estas palavras ao discurso ofical, e foram, certamente, as mais sinceras que pronunciou:

—Se ha, entre vós, algum rapazinho menosprezado, que ainda não tenha subido a este estrado de gloria, que não desanime, que tenha paciencia: daqui a cinquenta anos, talvez seja ele que presida á distribuição de prémios. E' o meu caso...

Para os rapazes, esta perspectiva, embora muito longinqua, pode ser um tonico; para os pais é que é fraca consolação, visto que, pelo espaço de tempo exigido, será quasi impossivel que possam gozar esse triunfo compensador...».

MARIA DE CARVALHO

Noticias da Murtosa

MURTOSA, 16.—Vai-se animando extraordinariamente a nossa praia da Torreira, registando-se um movimento de banhistas muito superior aos dos anos transactos, para o que muito concorreram as esplendidas iniciativas da Camara Municipal, de subsidiar uma pensão-restaurante naquela praia e a Auto-Viação da Murtosa L.da, na montagem duma carreira diaria de 4 viagens entre a Bestida e a praça Jaime Afreixo, desta vila.

Abriu ontem a Assembleia-Teatro da Torreira, onde se realizou um baile, até altas horas da madrugada, com uma afluencia considerabel de banhistas da melhor sociedade, e com a cooperação dum «jazz» desta vila.

—Num pinhal da Lagoncha, deste concelho, encontram-se acampados, desde o dia 12, terminando hoje a vida de campo, os escuteiros locais. O acampamento tem sido muito visitado. Durante os varios dias os escuteiros têm realizado as diversões proprias do regulamento escutista, como sejam o «fogo do conselho» e as festas de campo. Ontem houve no acampamento uma missa campal, celebrada pelo rev. assistente dos escutas sr. padre Alberto Tavares de Sousa, coadjutor desta vila.

CASINO ESTORIL

Aos Sabados: Jantar á Americana
Preço: **Esc. 20$00**
Aos Domingos: Jantar Dançante
Preço **Esc. 15$00**
Nos restantes dias: Preço **Esc. 12$50**
Bilhetes especiais

Todos os dias, excepto sabados e domingos: Comboio (2.ª classe, ida e volta) e Jantar ou Ceia, **Esc. 16$00,** incluindo Taxas, serviço, autocarro da Estação ao Casino e entrada.
Todos os dias, Comboio (2.ª classe, ida e e volta) auto-carro,da Estação ao Casino, entrada e um vale de Esc. 2$50 para consumo no Restaurante ou Bars do Casino **Esc. 12$50.**
A' venda nas bilheteiras do Cais do Sodré

Todos os dias; De tarde chá dançante e á noite baile e cinema. **Orquestra Almeida Cruz.**

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

Segundo as nossas informações, o elenco do Nacional, na proxima temporada, não sofrerá qualquer modificação.

— Começaram no Coliseu os trabalhos para a sua reabertura com uma companhia de circo, durante a actuação da qual se farão os ensaios de «Viva o Pagode!», para a inauguração da temporada de revistas-fantasias.

— Pelas criticas dos jornais de S. Paulo confirma-se o notavel exito que obteve no Antartico a companhia de Beatriz Costa, que depois da revista que ali tem em cena, «Sempre em pé!», apresentará «Aldeias de Portugal», que provocou o maior agrado no Rio de Janeiro.

— Os ensaios da farsa «O papa-assôrda» no Variedades estão a ser dirigidos pelo actor-ensaiador Antonio Gomes.

— O tenor da opereta «Alvorada de amor», en ensaios no Maria Vitoria, vai ser o actor Alberto Reis que, por esse motivo, sairá do elenco do Variedades para o daquele teatro.

— E' amanhã que a companhia Adelina-Aura Abranches se apresenta no teatro da Murtosa, onde vai pela primeira vez, com grande interesse do publico daquela vila, da Torreira, de Pardelhas e de Estarreja.

— Na festa que depois de amanhã se realiza no Casino de Espinho — «A grande noite de Espinho» — Francis e Ruth estrearão uma dança americana inédita em Portugal e a soprano lirico Phelita Correia cantará alguns dos numeros cinematograficos de Marta Eggert.

— Conta-se que, dentro de duas semanas, o Trindade voltará a funcionar, continuando o programa delineado pela Emissora Nacional, até á proxima epoca de inverno, que será continuada ainda por este organismo, com um novo plano artistico.

— Chega amanhã a Espinho, vindo de França, o actor Erico Braga, que no proximo domingo regressará a Lisboa.

— No Recreio, do Rio de Janeiro, deve fazer amanhã a sua estreia, com a comedia «A Fidalga de Arroncheș», a companhia de Maria Matos, cujos artistas chegaram ontem áquela cidade, de boa saude, segundo telegrama recebido pelo empresario Antonio de Macedo.

— Estêvão Amarante e Assis Pacheco vão ser os interpretes dos dois principais papeis masculinos do «vaudeville» comico «O Pai Simão», que será representado ainda esta epoca, no Avenida.

— Estão já a veranear em Colares os escritores Fernando Santos, Almeida Amaral e Xavier de Magalhães.

— Estão entabuladas negociações para a proxima vinda a Lisboa da artista mexicana Rivas Cacho e do seu grupo de artistas, actualmente em Madrid.

«Capicúa», amanhã, no Avenida

Estevão Amarante

O Avenida muda amanhã de cartaz, com a primeira representação da peça «Capicua», o 3.º original de Maximo Portugal, enriquecida com a reaparição neste teatro do querido e popular actor Estevão Amarante, que nesta obra de teatro sério vai interpretar o protagonista, num papel para o qual o seu talento e a sua maneira se prestam admiravelmente. A seu lado colaboram ainda no desempenho de «Capicua» os artistas Brunilde Judice, Abilio Alves, Irene Izidro, Emilia de Oliveira, Elvira Velez e João Guerra.

«As aventuras da Rainha da Selva», hoje, no Coliseu

O Coliseu tem hoje, com a exibição de «A Rainha da Selva», um espectaculo colosso para todo o publico. São 24 partes de assombros consecutivos, entre feras e com destemidos artistas. Amanhã, 2 filmes: «Maria Luiza» e «O Lôbo Humano».

CARTAZ

TEATROS

AVENIDA—A's 21 e 45—«Faustino, Limitada».
APOLO—A's 21 e ás 23.—«O mar tambem tem amantes».
MARIA VITORIA — A's 20 e 45 e ás 23 — «Na ponta da unha».
VARIEDADES — A's 20 e 30 e ás 23 — «Ribatejo».
TEATRO PARA TODOS — A's 21 e 45 e 23 h. — «Trutas e Tretas».

CINEMAS

EDEN-TEATRO — A's 21 e 30.
CAPITOLIO—A's 21.
CENTRAL—A's 21 e 15.
COLISEU—A's 21 e 15.
CONDES—A's 21 e 30.
ODEON—A's 21 e 15.
OLIMPIA—Das 14 e 30 ás 0 horas.
PALACIO—A's 21 e 30.
CHIADO TERRASSE—A's 21 e 15.
PAVILHÃO PORTUGUES—Ás 21.
REX—A's 21.
ROYAL—A's 21.
SALÃO IDEAL — Rua do Loreto.
JARDIM CINEMA—Domingos e 5.as feiras

APOLO ás 9 e ás 11 horas
O MAR TAMBEM TEM AMANTES
Revista Popular de Grande Exito

TRUTAS E TRETAS
NO PARQUE EDUARDO VII
HOJE — 2 sessões, às 21,45 e 23 h.
Dedicada aos LEGIONARIOS
TEATRO PARA TODOS
Plateia a 7$50 e 5$00; Frisas a 25$00, com direito a entrar na feira

AVENIDA
Hoje: Ultima noite de
FAUSTINO, L.DA
AMANHÃ
CAPICUA
Comedia de intenções sociais, em 3 actos e 6 quadros, com a reaparição do actor
Estevão Amarante

MARIA VICTORIA
Hoje! A's 20,45 e 23 horas
Uma revista de cunho e de triunfo
NA PONTA DA UNHA
Domingo, 20: 4.ª «matinée»

VARIEDADES Hoje: A's 8,45 e 11 horas
A OPERETA **RIBATEJO**
Domingo; Ultima «matinée»
PREÇOS POPULARISSIMOS

PROGRAMAS DE HOJE

EDEN M.elle Frou-Frou
com Luise Rainer, Melvyn Douglas e Robert Young
A's 21 e 30 Telef. 2 0768
COMPLEMENTOS VIVOS

CENTRAL TEL 24381
Três mosqueteiros
Alerta no mediterraneo
Telef. 24381 — A s 21 e 15
Preços unicos: Dia, 2$50 - Noite, 3$00

ODEON A's 21 e 15 Telef. 2 6283
Epoca de verão 50 0/0 de desconto.
Aldeia da roupa branca
PALACIO A's 21 e 30 Telef. 4 7163
Estrada Imperial

Pavilhão Português
O PATRIOTA
Quando o rouxinol canta

CONDES A's 21 e 30 Telef. 2 2523
PREÇOS POPULARES
SARATOGA
com Clark Gable e Jean Harlow
ROSALIE
com Eleanor Pow e Nelson Eddy

CAPITOLIO Telef. 2 7493 A's 21
No Terraço e no Salão
8 raparigas e um crime
Rei dos espadachins

REX Telef. 2 9656 A's 21 e 15
Companheiros de rua
Rose Marie
Preços desde: «Matinée» 1$25. Noite 1$80, excepto domingos e feriados.

TERRASSE Telef. 2 9017
LOUISE
O pecado das mães
Plateia 2$50 - Matinee 2$

CASINO ESTORIL
A's 21 e 30
Lord Geff

Sem rumo...

Ibseneanismo

De vez em quando, dão-se fenomenos, que, sem surpreender os costumados á observação das psicoses colectivas, são realmente curiosos, mau grado repetidos. Em especial, no mundo literario: um romancista, um dramaturgo, de repente, deixar de permanecer no auge para, tambem de subito, voltar ao exito. Cá, como lá: cá, menos, dada a deficiencia geral de interesse de leitura por qualquer coisa e de resplendor a valer.

Em França, por exemplo, agora, o «Genro do sr. Poirier» deu lugar ao ressurgimento de Rostand e o seu «Cirano de Bergerac» obteve um triunfo quiçá maior—compreensivel, com todo o «panache», vá...—do que no famoso tempo do famoso Coquelin, julgado insubstituivel.

Outro tanto, com Ibsen, em varios países, e que Portugal conhece por representa-o «Casa da Boneca» pela tradução do «Pato bravo» (Sousa Monteiro) e, tambem, por ter dado origem a igual concepção, em o «Pantano», do ilustre D. João da Camara de «Os Velhos» e de outros primores.

E como Ibsen é, a mais que Rostand, um pensador, (do solitarismo» e da «mentira vital») um verdadeiro homem, apeteceu-nos tirar da estante, para relembrar diversão espiritual, «Trois Hommes», de André Suarés. Pois, compilando:

Deve-se prestar a Ibsen a homenagem da sua solidão. Que ele seja unico, visto que ele é só. Nele ha dois homens, que são os dois termos do longo debate entre o eu e o mundo: criador e um critico.

Tudo que ele vê de solido em volta de si, de edificado pelos seculos, ele deita abaixo. Tudo o que ele levantou por si, ele destroi. A sua arte oscila entre os dois polos da natureza e do sonho. Nenhum poeta, por isso, é mais deste seculo.

Entre todos os poetas é o unico sonhador, depois de Shakespeare. Todos os poetas tragicos são realistas, sob pena de o não serem.

Grande poeta é aquele que pode dizer: «O meu sonho é mais verdadeiro que a vossa verdade. E' uma verdade que dura».

Ibsen tem, pois, sido um revolucionario; visto a critica ser sempre, a qualquer grau, a revolução, quer por antecipar os tempos, quer por procurar faze-los voltar atrás.

«Que eu saiba», diz Ibsen ao seu amigo, o orador da revolta, «só uma revolução não foi feita por um barateiro»: é naturalmente do diluvio, que eu falo. No entanto, mesmo desta vez, o diabo se meteu nisso: pois Noé, como sabeis, assumiu a ditadura. Recomecemos, pois, e mais radicalmente. Vós outros ocupai-vos de submergir o mundo; eu meterei o torpedo na arca, com delicias».

Na sua insonia, o homem que mais gosta de cães, aborrece-os a ladrarem.

Aquele que reclama por todos recebe por si. E o que reclama por si é frustrado por todos.

O medico tomou na cidade moderna a importancia bufôa da Pythia: ninguem crê nele e cada um o interroga.

O azedume é a ironia natural das almas fortes.

Mata-se o amor, sem querer, á força do o procurar.

JOSE' PARREIRA

Parque Eduardo VII
HOJE — Concurso de destreza para curiosos com premios aos vencedores
VARIEDADES pelos clowns Albano y Pepito
Entrada 1 escudo

PARTEIRA
ESPECIALIZADA
R. Augusta, 275, 4.º Telef. 2 9607
Partos, tratamentos. Consultas gratis
BASILISA PEDROSA

Atum em Azeite ?!
PURO DE OLIVEIRA
Só TENORIO...
Recomendavel tambem aos debilitados

HAVAS

NA SUA PRÓXIMA VIAGEM AO PÔRTO

...será bem tratado!

Completamente remodelado nas suas instalações, com água quente e fria em todos os quartos, esmerado serviço de cozinha e copa e a meio minuto da estação do Pôrto encontrará o

HOTEL ALIANÇA

Rua Sampaio Bruno, 53
Telefone 224 PÔRTO

HAVAS

MARCA VENCEDOR REGISTADA

UM ALVAIADE EM MASSA DE QUALIDADE INCOMPARÁVEL

Insista em adquirir êste Alvaiade em massa, que vos garante:

— Brancura.
— Poder de cobertura.
— Resistência à acção do tempo.

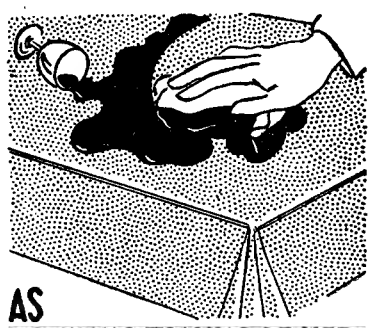
Uma experiência convencer-vos-á.

Verifique o sêlo de garantia.

Vende-se nas boas drogarias e na Agência

DU PONT - DUCO

Rua Aurea, 132-138
LISBOA



AS MODERNAS TOALHAS DE MEZA EM TECIDOS LACADOS

São impermeáveis, económicas, laváveis, de grande duração e sem os inconvenientes do oleado, tais como cheiro desagradável e aderência dos objectos. Existem em diversos padrões, côres e medidas orladas a ponto à-jour.

DU PONT FABRIKOID
REG. U.S. PAT. OFF.

BETHENCOURT BROS, LTD.
Rua Aurea, 132-138—LISBOA
SORIA, LTD.
Rua Sá da Bandeira, 214-216—PORTO

O INFERNO EM CASA

É O FOGO E O ARDOR DEPOIS DE BARBEAR.

Este sofrimento intoleravel que dura horas e lhe estraga a manhã, é devido ao sabão para barba, mal fabricado...

Contem potassa caustica.

O ardor da barba é o ardor do sabão! Com bons e caros sabões não ha inferno, mas com RAZVITE é o CEU. Barbeia-se instantaneamente, sem irritação, sem ardor, sem agua quente nem fria, sem pincel, apenas com o creme **RAZVITE** e uma boa navalha ou lamina, e a vossa cara ficará lisa como um veludo e suave como a de uma criança. Tubo a **12$00** e Caixa a **16$00.** Depositarios em Portugal: **J. C. Guimarães & C.ia L.td.ª.** Rua do Almada, 91—Porto

RAZVITE

NÃO CONFUNDIR

A UNICA BOQUILHA EFICAZ

Repr. Victor Chaskelmann & C.ª
Rua da Palma, 268 — Lisboa

ESTORIL

Casa vende-se ou aluga-se

A 300 metros da estação com todas as comodidades modernas, ampla garage, jardim, quintal, etc. Tratar na mesma, Parque Estoril Rua Melo e Sousa, Chalet Maria Manoela. Tel. 203. Tambem informa Lino, banheiro, ou o chefe do Caminho de Ferro.

SINTRA

....local aprazivel para dar um passeio ou passar uma época

A dois passos da Vila a floresta; a uns escassos quilometros o Oceano, a Praia das Maçãs, os banhos de mar...

Frequentes e rapidos comboios entre Lisboa e Sintra. Na estação do Caminho de Ferro, carros electricos para a Vila e Praia das Maçãs e camionetas para Estoril, Ericeira, etc.

Termas do Estoril

Banhos de agua mineral e de agua do mar, quentes e Carbo-gazosos
Duches, Pulverisações e Inalações, etc.

Ondas Curtas - Diatermia

Raios infra-vermelhos e ultra-violetas
Corrente electrica
Mecanoterapia — Maçagens — Cultura Fisica
Sala de Armas

A' sua mesa só deve ir azeite fino, absolutamente puro. Está nessas condições o **Azeite Olivar** que sendo do melhor de Portugal é o melhor do mundo.

E' hoje o preferido nas melhores casas

Patriarcado, Embaixadas e Legações consomem e apreciam devidamente o Azeite Olivar

Puresa e medida garantidas
Latas cravadas automaticamente para se evitar fraudes

DEPOSITO GERAL:

Eugenio Gonzalez & C.ª (Filho)
R. dos Bacalhoeiros, 8 a 20
TEL. 22244

FEIRA DE LEIPZIG, OUTONO 1939

Começo: 27 de Agosto

Todas as informações dá o

LEIPZIGER MESSAMT, LEIPZIG, Alemanha

ou o

Representante Honorario

60 % DE REDUÇAO nos Caminhos de Ferro Alemães

A. SCHMIDT, Lisboa, Praça dos Restauradores, N.º 13

Assinaturas de verão DO Diario de Lisbôa

Para facilitarmos a aquisição do nosso jornal ás pessoas que vão residir para as praias, termas ou campos, abrem-se, desde já, na administração do «Diario de Lisboa», assinaturas por 10, 20 e 30 dias, mediante pagamento adiantado ou a remessa da respectiva quantia.

10 dias...	4$00
20 «	8$00
30 «	12$00

Excursões ás «Berlengas»

Todos os domingos e quintas-feiras em comodos auto-carros até PENICHE: de PENICHE ás **Berlengas** em barco especialmente construido para este fim.

AUTO-CARRO DA CARREIRA: Partida de Lisboa, 7,30. Chegada a Lisboa, 0,30.

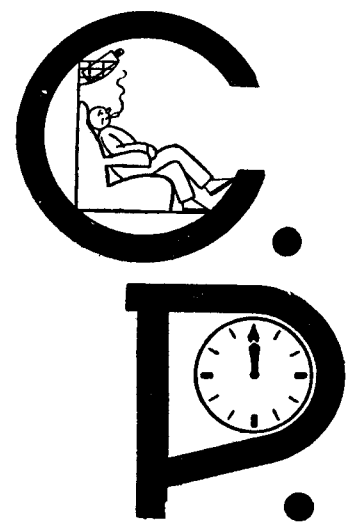
Desde que a inscrição complete em qualquer dos dias a lotação de um auto-carro, a chegada a Lisboa tem lugar ás 22 horas.

IDA E VOLTA, **Esc. 45$00**

Marcação de lugares: *Capristano & Ferreira, Ld.ª*—Largo de S. Domingos, 11-A, (Palacio do conde de Almada)—Telefone **2 1003.**

Duas palavras cujas iniciais são:

Santos



Comodidade... Pontualidade...

Pois a C. P. proporciona estas vantagens aos passageiros por preços que são uma ridicularia. Viaje nos comboios da C. P. e verá que é verdade.

COMPANHIA SINTRA-ATLANTICO

Azenhas do Mar, Praia das Maçãs, Colares, Galamares e Sintra. Sobejamente conhecida a excelencia desta região, estancia balnearia de primeira ordem.

Praia das Maçãs, uma das mais belas dos arredores de Lisboa.

Visite V. Ex.ª esta praia, utilizando os magniücos «auto-carros» e electricos da **«SINTRA-ATLANTICO».**

—C-O—

Carros electricos com ligação a todos os comboios em Sintra e «auto-carros» em Lisboa (Largo de S. Domingos, 11). Telefone 2 0267.

AZENHAS DO MAR: Parte 7,30, 8 e 16,30 h. (dias uteis). 8 e 17,15 h. (aos sabados. 8 e 19 h. (aos domingos e feriados).

LISBOA: Parte 10, 18 e 19 h. (dias uteis). 10, 18 e 19,45 (aos sabados). 10 e 21 h. (aos domtngos e feriados).

Carretras entre Sintra-S. Pedro

Informações: Rua da Prata, 122
Telefone 2 5359

Excursões a todo o país

Diario de Lisbôa
Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

O celebre escritor norueguês Knut Hamsun completou, ha dias, oitenta anos. Filho de camponeses pobres, nasceu em Lom, tendo passado a sua mocidade nas ilhas Lafoten, celebres pelo seu rude clima. Knut, desde muito novo, manifestou um genio bizarro, que se desenvolveu aos acasos duma vida vagabunda. Exerceu varias profissões, entre outras, a de empregado de comercio, professor, jornalista, e maquinista de comboio.

Em 1888 publicou a «Fome», obra que o celebrizou; depois, «Misterios», (1892); «Terra Nova» e «Pan» (1894); «Sonhadores» (1904); «Um vagabundo musico» (1909) e «Frutos da terra» (1917).

Knuto Hamsun foi Premio Nobel em 1904. Tem duas peças de teatro, uma das quais se chama «Rainha Tamarana».

■

O sr. dr. Luiz de Oliveira Guimarães, cronista de facetada ironia, que admiravelmente tem pintado a vida e os tipos lisboetas, está escrevendo um romance, intitulado «Mademoiselle Rapaz», que será editado por uma das nossas mais importantes livrarias. O dr. Luiz de Oliveira Guimarães, sempre paradoxal, procura sustentar que o caminho para a virtude, tem, por vezes, os seus acidentes.

■

A venda dos quadros e escultura banidos da Alemanha, como produtos de arte degenerada, deu aos museus estrangeiros uma ocasião excepcional de completar as suas colecções, a preços relativamente baixos. O Museu de Bale comprou quadros de Chagall, Corinth, Klee, Dix, Derain, etc. A Belgica comprou o retrato de Georges Brandes, por Corinth, e telas de Grosz, Hofer e Pascin, que se encontram agora em Anvers. Uma tela de Ganguin, do Tahiti, foi para a pinacoteca de Liege.

■

Vai ser adaptado ao cinema o famoso romance de Andre Maurois, «Climats», um dos livros mais expressivos da psicologia feminina.

E' a primeira vez que uma obra de Maurois é directamente traduzida no *ecran*, visto que «Eduardo VII e o seu tempo» serviu apenas, de ponto de partida ao filme «Entente Cordiale».

UM ARTIGO DE «AGE NOUVEAU»

O romance não pode estar adstrito a nenhum limite

por MARCELO FABRI

Do ultimo numero da «Âge Nouveau», grande revista esteticista da vanguarda, permitimo-nos traduzir o artigo do seu director, pela luz que vem derramar numa questão que se tem ventilado com certo calor nos arraiais literarios de Portugal:

A historia do critico que declara peremptoriamente a um romancista: «O seu romance não é um romance» é velha, repisada cem vezes no decorrer do seculo passado, e todavia julgam inventá-la aqueles que a reproduzem. Já a Sénancour fôra negado o direito de chamar romance ao *Oberman*, obra de ficção tão atraente, melancolica e completa. Mais tarde Maupassant devia incorrer na mesma condenação. Mais dum dos seus romances, certamente os melhores, foi objecto da seguinte observação: «O defeito capital desta obra é não ser propriamente um romance». Em apendice á reedição dumas das obras criticadas, Maupassant replicava: «Não sou o unico a quem o mesmo labeu é lançado pelos mesmos criticos». E algures: «Quais são as regras do romance? Quem as estabeleceu? Em virtude de que principio, de que autoridade, de que raciocinios?» E ainda: «Um critico inteligente de romances o que deveria fazer era procurar neles aquilo que menos se parece com os romances já feitos».

Estas simples citações de Maupassant respondem admiravelmente a tudo o que pode sugerir o problema das regras e limitações do romance. No prefacio de *Pierre et Jean*, tendo perdido a paciencia, volta á vaca fria: «O critico que pretenda definir o romance (...) estará sempre em briga com o temperamento de artista que traga novidade». E vai dando uma lição ao critico «cuja compreensão, aberta aos mais largos horizontes, deve absorver-lhe tão completamente a personalidade que não deixe de poder apontar ao publico e celebrar ainda aqueles livros de que pessoalmente não gosta e tem obrigação de julgar e sentenciar como juiz». E apostado a acabar com a detracção de criticos que armavam á boa fé, escrevia: «O critico não deve apreciar o resultado senão em razão do esfôrço despendido, e não tem o direito de se ocupar com as tendencias do escritor. Isto está dito e redito por quem tinha autoridade. Porém, não será demais repeti-lo...».

Poderiam citar-se as passagens em que o discipulo de Flaubert, atingida a sua maneira pessoal, não hesita em fazer sentir aos criticos que, afinal de contas, não pasam de «leitores». O romancista defendia com bravura o seu criterio, e em verdade hoje não ha ninguem que ouse contestar a qualidade de romance a *Notre Coeur* e *Fort comme la Mort*.

De então para cá, os tais eternos criticos «leitores»— arvorados em romancistas de bôrra — *(seconde cuvée)* suportam mal a preocupação de renovamento que, entrevista noutros, deve parecer-lhes atentatoria da sua propria obra.

Se nos dessemos ao trabalho de citar os romances, publicados nos ultimos cinquenta anos, aos quais foi contestado tal titulo, deparar-se-nos-iam, precisamente, nada menos que obras famosas. O mesmo sucede de resto com os escritores dramaticos: as obras originais «não são teatro», são «irrepresentaveis».

E' velha a sega-rega. Os romances de Maupassant não eram romances; os quadros de Cézanne e de Van Gogh não eram pintura; a historia de Michelet não era historia; a poesia de Baudelaire não era poetica; a musica de Stravinsky era anti-musica. Todos estes exemplos já antigos, ou recentes, não impedem pobres do espirito ou amnésicos de se entregarem a esta facil acrobacia cerebral: negar.

O importante é que para lá dos latidos da impotencia, a visão que o artista acalenta quanto ao futuro da sua arte se projecte de modo assinalado no seu plano de realizador. Já não ha nada que possa tentar-nos na vida observada debaixo de determinado aspecto, quando o que aí se busca é o lado morbido e putrido. Vale a pena fazê-lo depois de tantos Zolas de escada abaixo, e Descaves e Célines do mesmo calibre? A meu ver, o «documento humano» perdeu interesse. Se visa á vulgarização, é uma coisa; se ousa á arte é outra. Toda essa literatura, bocado de vida, documento humano, tornaram-se intoleraveis. Passaram á historia. O pouco que deixaram de experiencia ha que transpô-lo para restituir dignidade á arte de ficção; para devolver á obra o seu sentido natural de evasão e de ascensão; para que em vez de multiplicar os motivos de desespêro, no livro e no proprio eu se encontrem razões para viver, triunfar, crêr. A viscera tem de baixar para o seu plano. O toxico da mesma maneira que o pseudo-freudismo repugnam.

Maupassant escrevia e escrevia com ferocidade: «Um critico inteligente o que deve fazer é procurar nos romances aquilo que menos se parece com os romances já feitos». Sem duvida que os criticos, inteligentes, como não? empregam a inteligencia em tudo menos na investigação critica. Ha meio seculo que ele lhes lançava aquela receita facil de aviar, mas não o ouviram. E a razão está em que proclamar o valor duma obra que não foi feita pela centésima vez, arrasta complicações maiores do que apontar um qualquer sofrivel sucedaneo. E' precisa grande dose de inteligencia para se ser bom critico. Mas sem flama, alma, coragem, o bom critico não será jámais um descobridor.

O romance não pode estar adstrito a nenhum limite. Nem regras nem canones. Nasceu com a epopeia e abastardou-se com ela. Sucessivamente ajoelhou, aprumou-se, decaiu. Vemo-lo hoje rojar-se, patinhar, escarafunchar na vida, industrializar-se, para agradar á multidão. Pior para o romance? Nada disso. Pior para os romancistas. Periodicamente que esta forma nobre da arte literaria conheceu os seus altos e baixos. Permitiu abordarem-se todos os generos: os grandes romancistas chamam-se Swift ou Dickens; Diderot ou Voltaire; Dostoiewsky ou Tolstoi; Manzoni ou Annunzio — e as suas obras diferem o mais possivel umas das outras. Antes de delimitar e dogmatizar seria razoavel dar definição susceptivel de englobar, por exemplo, *Don Quixote e Manon Lescaut; Les Liaisons dangereuses e Clarisse Harlowe; Adolphe e Les ames mortes; Le rouge et le noir e René; la Cousine Bette e Le Juif errant; Colomba e Dominique; L'homme qui rit e La Bas; L'éducation sentimentale e L'abesse de Castro; L'Eve future e L'assomoir*, etc.

A definição teria necessariamente de acercar-se disto: «Ficção em prosa em que o autor pretende contar numa ou varias explanações as paixões e aspirações dos homens». Antes por consequencia de dizer ao romancista que o seu romance não é romance, conviria verificar que é impossivel, absolutamente impossivel, levá-lo a beneficiar duma definição que se aplica em regra a tantos e tão diferentes romances. A menos que se não decrete previamente que *David Copperfild, I promessi sposi* não são, nunca fôram, romances e que os autores não têm direito ao titulo de romancistas — seria absurdo sustentar que o romance não pode permitir tudo e tudo se permitir, que tenha limites ou se deva reger por determinadas regras, quando, ao contrario, a sua longa carreira e o seu futuro residem precisamente na liberdade total que deixa aos seus cultores. Não é demais repeti-lo, depois de tantos romancistas celebres — o romance não conhece outras regras além daquelas que lhe traz a lingua, a mais da disciplina ou liberdades que inventa ou se impõe o artista criador. Os criticos, cuja maioria tem a pretensão de escrever, e os romancistas, um bom numero dos quais nada inventa nem quanto ao tema, nem quanto ao estilo, nem quanto á technica, sempre que pontificam louvando ou condenando, do mesmo modo que sempre que julgam trazer material novo, andariam bem em inspirar-se no espirito desta infinita liberdade.

MARCELLO FABRI

PINTURA PORTUGUESA

Retrato de jovem cavaleiro, pintado por Cristovão Lopes, seculo XVI, exposto no Museu de Arte Antiga

Dez minutos com Castro Soromenho

E' com verdadeira alegria intelectual que anunciamos o novo romance de Castro Soromenho—*Noite de Angustia*. Estamos na presença dum admiravel escritor, de grande vibração humana, de largos recursos paisagisticos e psicologicos, que sabe, em traços incizivos, darnos, não só o clima africano, ardente e sequioso, mas ainda desenhar as figuras que sob ele se movem, co mtal estrutura, caracter e realidade, que a impressão que produzem mantem-se para além das paginas do livro. *Noite de Angustia* é um belo documento humano, forte, vigoroso, sem literaturas excessivas, nem disfarces do caso dramatico. Castro Soromenho, potente de vida, seguro da sua forma, poderoso de verdade, choca-nos, profundamente. Esta sua obra, como o *Nhári*, que obteve o Premio de Literatura Colonial, classifica-o como um dos mais brilhantes romancistas da geração nova.

Eis o que ele nos diz:

—Como trabalha?

—Os profissionais das letras e da Imprensa trabalham, como v. sabe, sem olhar ao ambiente, hoje aqui, amanhã acolá, errantes pelo mundo e pela Vida... De resto, para se conhecer a vida, para dela se ter uma experiencia, é preciso caminhar, fazer longas jornadas de alma e cruzar todos os trilhos. Deixemos o ambiente para os poetas, unica coisa que eu gostaria de ser.

—Qual a sua opinião sobre a literatura colonial portuguesa?

—Na nossa literatura colonial, ha dois aspectos distintos: o que se refere ao homem branco em contacto com o indigena e sua terra, e o do indigena dentro do seu *habitat*. O primeiro ainda me não tentou. Falarei do segundo, que é o tema dos meus trabalhos publicados, excepto «Imagens da cidade de S. Paulo de Luanda», pequena reportagem de uma pequena cidade.

—A nossa literatura colonial?

—Na literatura colonial portuguesa ha muita paisagem da terra e pouca paisagem da alma. Os dramas da gente negra só começaram a aparecer na nossa literatura com o livro «Almas Negras», de João Lemos, e nêsse belo trabalho, que passou despercebido á nossa critica, «Feitiços», de Guilhermina de Azeredo. Depois veio João Augusto Silva, com a sua «Africa», e ficámos por aqui. O resto é reportagem, «Visões da Terra Misteriosa». E, literatura propriamente dita, porque na reportagem temos a obra de Julião Quintinha, jornalista e escritor que soube vêr a Africa. Ora, uma literatura sem drama, portanto sem conflito, sem humanidade, só paisagem e caricatura, pode ser que tenha admiradores, porém, a mim nada me diz.

—Quais são os seus projectos?

—Continuar a trabalhar a literatura colonial. Para breve, penso fazer publicar um livro de reportagem, «Visões da Terra Misteriosa». E quando o jornalismo me der tempo, escreverei um romance sôbre a vida de um povo africano. E' trabalho ha muito mentalmente feito. Produto dos meus estudos e observações durante dez anos de vida na selva.

Do livro «MALICIA SEM MALDADE»

Se Judas pudesse sentir arrependimento sincero pela traição que cometeu, talvez a Cruz se erguesse sôbre a sua negra campa e não no Calvario.

Nas epocas em que o dinheiro se guarda mais no coração que nas algibeiras, Satan governa o mundo mantendo-se no terreno dos principios.

JOAQUIM MANSO

OS NOSSOS CONTOS

Por causa dum barrete

de EUGENIO VIEIRA

Eram seis rapazes divertidissimos, inteiramente dispostos para o riso e o desprendimento.

Tomaram lugar num automovel dum deles, e foram até Loures, nem mais nem menos que em vilegiatura de... prova de agua-pé.

Chegaram a Loures já com sol quente e não tardaram a descer á adega, onde se deliciaram com uma agua-pé magnifica, fabricada com delicadeza tal, que, no dizer de um deles, era mesmo de se lhe tirar... dois chapeus.

Cavaquearam, petiscaram, beberam, rebeberam, e, depois dumas voltas pela quinta e de terem tornado á adega, para mais uns copinhos *para assentar*, ei-los de novo no auto, desandando a caminho da capital.

Chegados a uma descida de estrada, em frente e a direito, lobrigaram ao longee uma carroça gingando com um velho tear de aldeia.

— *E' pazes!* — disse um deles. Vem além uma carroça tão á laia de berço, que me está mesmo apetecendo pregar uma *peça* ao saloio que a vem guiando. Ele traz a cabecinha tão á banda, e vem tão torto, que é impossivel que não venha a dormir... Se assim fôr, encosta-se-lhe o automovel, eu tiro-lhe o barrete, e muito nos riremos da cara de pascoas com que fica ao despertar...

Recomendado que foi o abrandamento da marcha na aproximação dos veículos, e vencida a distancia que os separava, as respirações como se sustiveram emocionalmente, naquele caso de circunstancia, e chegados perfeitamente ao ponto de encontro, eis subito se levanta no auto o jocoso rapaz, e, com uma precisão de pelotiqueiro, saca da cabeça do saloio o barrete.

O homem, como aturdido, olha primeiro o espaço, depois o chão, e, emquanto isto se passa, o auto apressa-se um tanto, e segue.

Grande algazarra e surriada dos rapazes corôa a proeza, emquanto o que a consumára, de braço ao alto, empunha o barrete á laia de troféo e, numa negaça, ao dono o vai mostrando.

O pobre diabo, encolerisado, apopletico, rubro mais do que uma lagosta, torce-se empertigado na boleia, e, a certa altura, ameaça com o punho fechado.

Então é que é rir! E eis que o detentor do barrete o atira, num largo gesto para a berma da estrada.

O automovel pára. Os rapazes põem-se todos em pé e vêem o saloio parar o seu veículo, descer, e dirigir-se para o ponto onde caíra o barrete.

Nova surriada, palmas, berros, apóstrofes esturdias dos jovens, a que correspondem novos e insubmissos gestos do saloio, que, tão desesperado fica, que até se arrepela e puxa pelos cabelos.

Reposto o auto em movimento, a alegria continua esfusiante, entre risos e cantares, até á cidade.

Chegados a esta houve uma conferencia de pandegos, posta em poucas interrogações: Onde se dirigiriam agora? Era tão cêdo! Como passariam o resto da tarde? Nalgum cinema, encafuados? Todos opinavam que seria maçada. Depois dum dia tão bem passado...

Como a viagem e as expansões de alegria tinham queimado os fumos do alcool e as reservas digestivas, optaram por uma jantarada, e que ela fôsse no Leão de uro.

Entraram, pois, no Leão de Ouro, e ali se demoraram, mastigando e deglutindo á larga, entre um esfusiar de risos, na recapitulação das peripecias do dia, sobretudo a do caso do saloio.

Quando, porém, estavam no auge do seu bem-estar, passadas boas três horas, chega junto da mesa um policia e pregunta:

— Qual dos senhores guia o automovel que está ali á porta?

— O *chauffeur* sou eu, — responde solicitamente o jovem dono do automovel, e acrescentou, em cómica filaucia, perfeitamente postiça:

— Os meus papeis estão em ordem. Quere ver a minha carta?...

E preparava-se para tirar o impresso legalizado da carteira.

— Não é preciso. Não se trata disso — respondeu o guarda, com medonho cariz. Têm que me acompanhar todos já ao Governo Civil.

Olharam uns para os outros aparvoados.

— E não se demorem! — instou o inexpugnavel baluarte da autoridade.

Um dos rapazes ainda tentou uma explicação... queria saber a causa...

O policia, porém, estava impenetravel.

Ei-los sobem para o auto, policia ao lado do *chauffeur*, um silencio glacial nas personagens que dir-se-ia extensivo ao rodejar...

Chiado acima, volta-se á esquerda, e ei-los no templo da ordem, num confortavel gabinete, nem mais nem menos que o do governador. Este era um sujeito alto, espadaúdo, vestindo elegantemente, com um belo ar de importancia e um rosto pleno de impassibilidade.

Dispara-lhes esta frase á queima-roupa:

— Temos então roubalheira grossa? Que quantia subtraíram vocês ao homem?

Olharam-se com o maior dos espantos.

— Digam depressa! Eu não estou aqui para perder tempo. Quantas notas eram?

Um dos rapazes não pôde eximir-se a soltar uma estrepitosa gargalhada.

— Com que então, ainda ris cinicamente? Roubam o homem, vão gastar o dinheiro na pandega e ainda têm o bôjo de vir para aqui rir!... Eu os porei sérios!... Que mais não seja, no calabouço...

E voltando-se para a ordenança.

— Mande entrar o queixoso.

Tudo aquilo foi tão rapido, que nenhum dos jovens teve tempo sequer de esboçar uma desculpa, em defesa...

Entretanto, o queixoso entrava. Era, nem mais nem menos que... o saloio do barrete!

— Conhecem este homem? — preguntou a autoridade.

— Conheço-o eu, senhor governador — respondeu, num frouxo de riso, o que tirára o barrete. Travei com ele conhecimento, de corrida, na estrada, esta tarde, não muito longe do Senhor Roubado.

— O Senhor Roubado?! E' sugestivo isso... Porque não diz antes: o saloio roubado?... — disse o governador forçando-se ao espirito.

— Não houve roubo algum, senhor governador — acudiu outro dos rapazes. Apenas uma brincadeira...

— Fui eu quem tirou o barrete a esse homem — disse o autor da proeza.

— E que lhe fez? — interveio o governador.

— Atirei-o para a beira da estrada.

— Mas... não se lembrou de atirar com ele o dinheiro!... — disse, sardonico, o governador.

— Ah! isso não: pela simples razão de que não vi dinheiro algum...

O governador apontou com o proprio queixo o saloio, olhando-o interrogativamente:

— Ora essa! — respondeu o homenzinho — duzentos e vinte *mal reis* em duas notas de cem e duas de dez, muito bem *escontadinhas. Tinhas arrecebido* do senhor Gerzinhas do Cais das Cebolas, de *manhem*. Meti-as na dobra do barrete que me roubaram...

— Como vêem... — disse curto o governador.

— Mas... — arriscou um dos rapazes. V. Ex.ª ainda não ouviu esse Gerzinhas e... não querendo, de forma alguma, sugerir ao esclarecido criterio de V. Ex.ª um alvitre... parecia-me que devia ouvi-lo.

— E pareceu-lhe muito bem. Tanto assim que já foi ouvido. Telefonei-lhe ha pouco e confirmou a declaração do queixoso. Pagou-lhe hoje, realmente, duzentos e vinte mil reis. Eu sou um magistrado moderno. Costumo ganhar tempo nos assuntos. Não haviam de servir para alguma coisa os inventos da Ciencia? Por exemplo, o telefone...

Houve um pesado silencio que o governador interrompeu.

— Hein? Como descalçam agora a bota?

— Nós, senhor governador, não sômos nenhuns carteiristas — adiantou um dos rapazes.

— Sômos pessoas de bons costumes e até de esmerada educação — acrescentou, pálido e em voz tremula, um outro.

Um terceiro disse com firmeza:

— Eu, posso provar... todos podemos... provar.

— Provar o quê? Que não furtaram o dinheiro ao homem? Provem, então... Seria negar a evidencia. Têm testemunhas em contrario?

— E ele tem-nas, por acaso, a seu favor? — arriscou bruscamente um dos circunstantes.

— Na verdade, não — respondeu o magistrado. Mas, num caso tal, se faltam as testemunhas abundam os indicios. E mais: o bonsenso não é uma palavra vã.

«Este homem, se o não tivessem roubado, não vinha aqui, sem mais nem menos, queixar-se... Seria atribuir-lhe umas ideias novelescas que o seu cerebro, por assim dizer, primitivo, não comporta...

— Senhor governador... essa boa-fé, por parte duma autoridade, é muito louvavel, mas...

— Não ha mas nem meio mas... O senhor julga-se capaz de ir queixar-se de que alguem lhe tirou a carteira só pelo prazer de entalar esse alguem, mesmo sem o conhecer? Pode afirmar isso, na *sua boa-fé?...* Olhe que ninguem se queixa sem lhe doer... Demais: quem é o senhor? A sua identidade?

O jovem tirou da carteira um cartão de funcionario publico. Um outro aproveitou o ensejo de mostrar que era funcionario do Banco Ultramarino; outro, ainda comprovou, pelo mesmo processo, ser ajudante de notario. Todos, enfim, declinaram identidade respeitavel. Alguns declararam a paternidade. Havia um filho de banqueiro, um sobrinho de armador de navios, um neto de consul, um filho de coronel do exercito.

— Boa gente, sem duvida — disse o governador, um tanto apreensivo. Como caíram então numa destas?...

— Duzentos e vinte *mal reis*, a *mail* o *mê* rico barrete novo, veja bem o senhor *doitor!* — gemeu em voz tremula de berimbau o saloio, tendo um piedoso olhar de endoenças.

— Cale-se! — ordenou sêco o governador.

E volveu aos jovens:

— Aqui ha um caminho: Os senhores confessam o seu acto, eu trato as coisas pelo processo da conciliação das partes em litigio e... ponho pedra no assunto. Mesmo porque isto seria uma vergonha para as vossas familias!...

E dirigindo-se ao filho do coronel:

— Por acaso, seu pai conheço eu. E' a honradez em pessoa.

O filho do elogiado agradeceu rsepeitosamente com um aceno de cabeça.

O magistrado tornou:

— Admitindo, como simples hipotese, que já tenham gasto o dinheiro, compromtem-se a repô-lo, e eu mando retirar o homem, que virá aqui, depois, por ele. E fica, desde já, sanado o caso.

E voltando-se para o queixoso:

— Você lá que diz?

— Eu, senhor *doitor*, está como o outro... O que queria era os meus duzentos e vinte *mal reis*.

— Senhor gavernador — disse subito o filho do banqueiro. V. Ex.ª ha-de desculpar-me a senceremonia, mas esse homem mente e é um autentico ladrão. Vai tirar-nos da carteira um dinheiro que não tinha no barrete. O barrete foi apanhado por ele á nossa vista, vazio como lho tiraramos. Em todo o caso, para que, nem por mais um instante pese sobre mim e os meus amigos este labeo de infamia, eu dou já os duzentos e vinte mil réis.

Dizendo isto, tirava da carteira duas notas de cem e duas de dez e entregava-as ao governador.

— O' João! — disse o filho do coronel. Isso não pode ser! Isto tem que ir mas é por cotisação...

—A modalidade de indemnisação é lá como os senhores entederem.

E, voltando-se para o saloio, cujos olhos cheios de cubiça, tinham lágrimas reais, lágrimas que pareciam completamente sentidas, estendeu-lhe a mão com as notas.

O saloio mirou-as e remirou-as, e disse, com uma inabalavel convicção de... saloio:

—E' o *mê* rico *dinhêrinho. San nas* notas novinhas em fôlha *q'arrecebi* do senhor Gerzinhas.

—Os factos são os factos,—disse ogovernador—e..., ainda se não se tratasse do Gerzinhas, que é um espelho de honradez...

—Sim... e... como contra factos não ha argumentos...,—respondeu espirituosamente o filho do banqueiro, acrescentando:

— V. Ex.ª, dá-nos licença que nos retiremos?

— De certo. E que seja para nunca mais aqui tornarem...— cortou rapido a autoridade.

Saíram. Mas, como se demorassem na escada comentando a solução inesperada do caso, acotovelaram-se com o saloio que saía.

— Papaste-nos duzentos e vinte mil reis, meu ladrão! Mas... não faz mal! — não pôde deixar de dizer o filho do coronel.

O saloio olhou em redor, a observar se alguem estranho o ouvia, e chegando os beiços ao ouvido do rapaz, disse-lhe na ironia velhaca de traspassar o coração dum morto:

— E já cá cantam!...

E, batendo com os saltos de prateleira nas lages do patio, transpôs o limiar.

Indignado, o rapaz que o invectivara correu a abeirar-se dele e disse-lhe baixinho, ao ouvido: «ladrão! ladrão! ladrão!».

O velhaco, porém, sorriu com toda a calma, piscou o olho manhosamente, e, em voz baixa, disse:

— E' p'ra *nan s'irem* gabar que brincaram com o saloio e que ele é parvo... Ele até sabe como se embarrilam os *doitores*...

E em voz alta, para ser ouvido das sentinelas:

— *Atão vomecês* julgavam que era só roubarem duzentos *mal reis* a quem os ganhou com o suor do seu rosto?!...

EUGENIO VIEIRA

Do livro «MALICIA SEM MALDADE»

A maior miseria consiste em andar pela terra alheia a comer o pão dos que nos insultam, cobrindo-nos com a sua falsa piedade.

JOAQUIM MANSO

«ACTO DE FÉ»

GENESIS

por MIGUEL TRIGUEIROS

A poesia de Miguel Trigueiros é, essencialmente, a poesia da alegria cristã. Pessoalissimo — ha nos seus versos uma inspiração catolica que ressalta da sua propria orquestração verbal. O premio que o S. P. N. este ano lhe atribuiu chamou, definitivamente, a atenção do publico para o seu nome. E' do livro «Acto de Fé», a sair no proximo outono, o belo poema que a seguir transcrevemos.

Entre as duas corcovas dos outeiros
Viceja a aldeia, numa paz cristã.

Vão ranchos de ganhões pelos carreiros.

Sôbre um verde mainel de castanheiros
O céu desfolha as rosas da manhã.

Olha a terra, menina casadoira,
Como corre a enfeitar-se para a bôda!
E o noivo-sol, D. Juan de franja loira,
Como chega e a deslumbra e a beija toda!

O vestido de sombra o sol desprende-o.
Abraça a terra então... Depois, possui-a.
E, em derredor, é tudo o mesmo incêndio;
Tudo ressurreição; tudo aleluia!

Agora,—lá no alto,—uma por uma,
Descaídas as tranças côr de espuma,
Bailam nuvens diáfanas, ligeiras...

Olha o roslo atrevido, dum penêdo,
Como atravessa os tufos do arvorêdo
Para espreitar as nuvens bailadeiras!

— No campo em flôr, além, vive uma historia,
Uma historia vulgar, mas que é tão bela,
Tem tanto de grandeza e de vitória
Que me sinto mais forte ao pensar nela!

Era um campo baldio, abandonado
Perto da aldeia, a adormecer de rojos...
Um campo virgem, triste, acolchoado
De brenhas e de tojos...

Mas certa vez mudou o seu destino:
Enxadas, penetrantes como adagas,
Num trabalho sereno e peregrino
Puseram o seu corpo todo em chagas!

Mais tarde, em romaria de piedade,
A rezar pelo livro do Universo,
Chegou a noite, irmã de caridade,
Com fios de astros a fazer de terço.

Deixara, a natureza, o seu disfarce
De côr e de perfume...
O campo, em volta,
Entregou-se ao mistério; e ao entregar-se
Ficou no espaço um grito de revolta!

Passaram dias fáceis e felizes.
Sararam, afinal, as chagas quentes.
Vieram traços nus, de cicatrizes...

E sentiram-se os dedos das raizes
A rasgarem o seio das sementes!

Depois, aqui e além, num som profundo,
Novas vidas cantaram, de mansinho.
Eram mundos a abrir dentro do mundo,
Caminhos entroncados n'Um caminho!

Tudo se unia numa voz apenas:
— O céu, a terra, as árvores, as fontes,
As fragas, os rosais, as açucenas,
As aves, o casal, o sol, os montes!

Pois tudo quanto existe se completa
E vibra para cá do mesmo véu.
Tudo tem um sentido.
Aquela recta
Que vai da terra ao céu!

Tudo se enlaça e tudo reanima
O fogo secular desta promessa:
— Uma velha existencia que termina,
Vai formar uma outra que começa!

Ah! Quem descesse ao fundo das tavernas
E procurasse o desalento e o vicio
Para explicar certas lições eternas
Criadas pelo amor e o sacrificio!

Certas lições duma verdade só;
Como a do campo, transformado em leiva,
Primeiro, heroico, a desfazer-se em pó,
Mas logo, altivo, a ressurgir em seiva!

Deixo a aldeia.
Vão tontos de beleza
Meus olhos, endoidados pela vida.
Mas, ao chegar pertinho da deveza
Volto-me ainda, em breve despedida:

— O tapete da estrada foi bordado
Pelas rendas da sombra da folhagem...
E um tronco dolorido, esfarrapado,
Aponto, lá no fundo do montado,
Um sorriso de Deus, feito paizagem!

As nuvens fogem todas para o sul,
Enquanto, numa benção de alegria,
Jesus escreve, num caderno azul,
As páginas de luz do novo dia!

(Do livro «Acto de FE'», a sair brevemente)

MIGUEL TRIGUEIROS

Cecilia Meireles 1.º premio de poesia

Cecilia Meireles concorreu ao premio de poesia da Academia Brasileira de Letras com um livro inédito, «Viagem», prestes a sair, editado em Portugal. A comissão encarregada de dar parecer sobre os vinte e nove concorrentes, era constituida por dois notaveis poetas: Cassiano Ricardo e Guilherme de Almeida, e pelo brilhante cronista João Luso. O relator, Cassiano Ricardo, assim se exprimiu, justificando a atribuição do 1.º premio á grande poetisa que os meios intelectuais portugueses tão bem conhecem e tanto admiram:

Srs. Academicos:

Duas palavras agora, para a conclusão do que acabo de expôr. Disse eu, ao começo desta justificação, que o premio a Cecilia Meirelles devia ser unico, para ser maior.

Guilherme de Almeida, o poeta maravilhoso que é um dos nossos mais justos motivos de orgulho, é da mesma opinião. A presença da grande poetisa brasileira neste concurso desloca, disse eu, o julgamento para um plano tão alto que os demais concorerntes só poderão ser considerados pelo contrastte, não pelo confronto. Mas ha um ponto, na arte da autora de «Viagem», que interessa muito á Academia. Refiro-me ao apuro da linguagem e ás novidades expressionais que são, para ela, certos elementos de arte hoje tão mal usados por alguns modernistas insofridos. Tais qualidades identificam nela, nesta epoca de desordem, o grande escritor compenetrado da sua dignidade mental. Não se lhe nota, nas menores coisas, o sinal do artifício senão a marca inconfundivel do artista. Tudo quanto lhe sai da pena tem a surpresa do inaugural. Não se lhe descobrem os eternos substantivos eternamente grudados aos seus adjectivos fatais. As suas rimas incompletas (as suas toantes) são maravilhosas, de uma riqueza de intenção que raramente ocorre mesmo em poetas de grande valor. Contra o materialismo verbal das rimas completas e massiças, que foram a preocupação dominante dos parnasianos, cultores da arte pela arte, nada como as notaveis realizações de Cecilia Meirelles quando, com a percepção subtil das coisas mais delicadas, faz de cada rima uma flor espiritual a serviço de expressão e põe esta expressão ao serviço de uma ideia ou de um pensamento. Houve quem lhe notasse pontos obscuros, algumas imagens pouco claras e meio vagas. Por certo que a poesia é revelação, mas tambem é sugestão. O poeta que se revela mas não conduz o leitor a descobrir com ele as coisas bonitas que ficam atrás das palavras, ou mesmo na sombar deliciosa de certas intenções, esse não chega a ser o poeta total, pois não leva a poesia ás suas mais belas e mais profundas consequencias. Os passaros não se explicam, diz a propria Cecilia Meirelles num dos seus mais belos poemas. Como explicar a poesia? Alguns a censuram por esta... qualidade, pensando que se trata de um grave defeito. Quando Laforgue foi acusado de obscuridade, coube a M. Saint Clair defendê-lo com estas palavras: «les vers de Laforgue c'est le portrait de son ame, l'esquisse plutôt; une esquisse aux traite nerveux insistante, sans cesse repris por mieux serrer la ressemblace. C'est sa vérité quotidienne et grise, grelottante de tristesse et de solitude sous le masque de l'ironie». Essa verdade quotidiana, tão clara aos olhos dos que sentem, é a verdade da poesia de Cecilia Meirelles.

Se ha, pois, quem deva ser acusado, no caso, não é Cecilia Meirelles que atingiu esse mundo interior; são aqueles que só enxergam o exterior das coisas, só se impressionam com o colorido espectacular da frase, só gostam da poesia «bem feita e acabada» com os seus limites já conhecidos, com os seus lugares comuns já trilhados por todos, com a sua tecnica já desvirginada pelos profissionais da rima cara, com os seus valores já mais do que gastos pelo materialismo corruptor, com a sua musica gravada em todos os discos no passadismo satisfeito, com as suas imagens sovadas que todo o mundo sabe que vai encontrar no fim de cada quarteto e de cada terceto.

Pena merecem, portanto, os que se não vão além desse horizonte cultural e material.

Se fossem, chegariam ao tesouro de sensibilidade que é a sua poesia incomparavel.

Bibliografia

Pedra Lavrada, de Caetano Teixeira de Aragão.

Versos, mais versos, mas harmoniosos, vivos de emoção, em que a adolescencia traduz todas as suas aspirações, todas as suas quimeras, todas as crises sentimentais. Caetano Teixeira de Aragão já não é um instintivo. Talha a sua obra em ritmos perfeitos, com um sabor camoneano, que diz da sua cultura de bons autores. Algumas imagens arrojadas, outras ingenuas atravessam este livro, de inspiração tumultuosa, cujos versos como que cantam numa bica de pedra, ressoando a sua argentina meoldia.—(Parceria A. M. Pereira).

Memorias dum medico, o Cavaleiro da Casa Vermelha, de Alexandre Dumas.

Terminou agora a ultima parte do famoso romance de Alexandre Dumas, *Memorias dum Medico,* obra constituida por 26 volumes. *O Cavaleiro da Casa Vermelha* dá-nos o destino dos personagens que atravessaram a fogueira da Revolução Francesa, fundo historico, que Dumas desenhou vigorosamente, colocando no primeiro plano, as suas personagens, entremeando-as de figuras reais, como Luiz XV, Luiz XVI, Danton, Marat, Robespierre, etc.— *(Livraria Guimarães).*

Fora da Lei, de Blaise Cendrars.

Na colecção «As grandes epopeias, viagens e aventuras», lançou agora a Classica Editora um livro de empolgante interesse, pedaço de vida fremente, arrancado á realidade. «Fora da lei», é a narrativa exacta, cruel, dum bandido americano, Al Jeannings. E' interessante a figura do heroi. Não se trata dum criminoso vulgar endurecido pelo «clima». Antes duma figura, de dupla existencia, cortada de claros e de sombras. Por vezes, a sua consciencia domina-o, outras, a sua ambição, a sua sede de aventuras. O que mais surpreende neste livro é o seu tom veridico. Sente-se que o Blaise Cendrars recolheu a hisoitra de alguem que a ouviu dum dos muitos penitenciarios de Alcatraz. Os reflexos da vida americana, com os seus negocios monstruosos, o seu ambiente, como que rarificado de oxigenio, as combinações equivocas entre os homens de leis e os bandidos, tudo isso é notulado, neste «Fora da Lei», com um poderoso relevo de imagens, num documentario estupendo de interesse.

O Jogador, de Dostoievsky

Dostoïevsky é um mundo. Qualquer de nós escreveu já certamente esta frase; depois de ler «O Crime e Castigo», os «Irmãos Karamazoff», ou este romance psicologico, vertiginoso, dramatico, entontecedor, em que o grande escritor russo estudou, penetrantemente, não almas alheias, mas a sua propria, fascinada pelo pano verde. Dostro/evsky tinha o vicio do jogo. Foi uma das suas vitimas. Mais duma vez a sua vida dolorosa, sofreu os seus revezes. *Jogador* é uma das obras primas, da literatura de todos os tempos. A edição é portuguesa e acompanhada por um lucido prefacio de Cesar Frias *(Livraria Guimarães).*

O amor tem duas caras, de Henry Ardel

A brilhante escritora francesa tem um grande publico em Portugal. As senhoras adoram a sua simplicidade, a sua indulgencia, a sua maneira de penetrar o coração feminino, sem o ferir, e como que segregando todos os seus segredos.

Este livro *O Amor tem duas cartas* está destinado a grande exito. E' um lindo romance, intimo, suave, cheio de delicadeza e, ao mesmo tempo, empolgante de paixão. O caso novelesco não deixa de ter interesse, parecendo até um caso real, de tal maneira a escritora faz viver os seus personagens, e as circunstancias da sua existencia.—*(Livraria Guimarães).*

Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira.

Está publicado o fasciculo LIII da «Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira», obra de cultura geral, que tem por fundo o dicionario da lingua. Este fasciculo começa com a biografia do barão de Cacilhas, a que D. Maria II distinguiu com esse titulo, e termina com o substantivo «calado», expressão em quantidade numerica da distancia entre a quilha da embarcação e o nivel de agua.

OS LIVROS DA SEMANA

LOBOS NO POVOADO
romance por ANTONIO CABRAL

VERTIGEM
romance por ARMINDA FORTES

I—Observações de um leitor

A's vezes os leitores escrevem-nos. Ha, de facto, leitores que gostam de conversar com os escritores. Infelizmente, não sobra tempo para responder a todos os leitores que nos escrevem. Diga-se, em abono da verdade, que nem sempre valeria a pena. Em todo o caso, ás vezes, ha leitores que nos fazem observações sensatas. Ha dias recebi uma longa carta de um meu leitor desconhecido onde se dizem coisas dignas de meditação. Não me refiro aos cumprimentos que nela se me dirigem. Refiro-me, antes, a certas suas observações tão sensatas como justas. Emquanto eu vou sendo acusado, em certos jornais, de parcialidade e estreiteza de criterio na minha maneira de apreciar os romances nacionais, este meu leitor desconhecido escreve, com indignação: «*V. sem querer vai-se habituando a vêr com muita clareza as diferenças de valor entre os varios romances que critica, porém, repare que essas diferenças estão todas na classe «mediocre—para baixo até ao pessimo», ora isto equivale a exercitar em v. as suas funções criticas mais baixas—e, embora eu veja que para exercicio destas seja «indispensavel» a existencia de outras «acima» delas no mesmo individuo, nem por isso acho menos desperdicio vendo-o a v. roubando tanto tempo que era justo v. poder entregar á leitura de obras significativas, para lêr essas obras vazias de qualquer sentido, sinceridade, intenção ou inspiração que por cá passam por romances*».

Eis o testemunho de um leitor desconhecido. Não é um elogio, é uma censura que me atinge simultaneamente, a mim e ao romance nacional. Quantas vezes me tenho eu dito isto a mim mesmo! Sim: ás vezes chego a considerar bom no romance nacional particularidades que leitor algum tomaria em consideração caso viesse a lêr as obras que critico. A' força de ler obras «mediocres» estabeleci já uma bitola dentro do mediocre que só para obras mediocres pode servir. Quere isto dizer que em lugar de ser tão exigente como muitos me consideram, sou, pelo contrario, extremamente benevolo. Cheguei mesmo já a renunciar a que o comum dos romances que aprecio se aproxime de um padrão superior do romance: limito-me a desejar que se aproxime de um padrão mediocre.

Mas censura-me ainda o meu leitor desconhecido por eu perder tempo a responder a objecções que nada objectam—só confundem. De facto, para que me procuro eu explicar se os meus contraditores não querem compreender as minhas explicações? Procedem sempre como se me não tivessem lido. Ha pontos da estetica do romance sôbre os quais tenho dito minuciosamente—tenho dito e redito—tudo quanto é possivel dizer-se. Inutil. Os meus contraditores objectam-me sempre a mesma coisa. Reeditam sempre os mesmos erros. E' como se me não tivessem lido ou como se me tivessem lido sem me... compreender.

II — Verosimilhança e verdade

Por exemplo: quantas vezes tenho eu falado já aqui na verosimilhança no romance? Quantas vezes me tenho eu explicado sôbre este problema? De nada tem servido. Um cronista mais ou menos mundano retomava, outro dia, este tema. Com a puerilidade propria de cronista mais ou menos mundano julgava o problema de verosimilhança uma patetice. Pois não é sabido que ha uma verdade para cada um? Se ha uma verdade para cada um, a que vem a verosimilhança? Este era o tema do tal cronista. Quere dizer: este era o dislate do tal cronista. Digo eu: que tem a verosimilhança com a verdade? Verosimil é aquilo que se assemelha á verdade; não é a verdade. A verdade é uma coisa, a verosimilhança da verdade outra. Na peça de Pirandelo citada pelo cronista há, de facto, uma verdade para cada personagem. Porquê? Porque cada personagem encarna com verosimilhança a verdade que lhe coube na peça. Quando numa obra de arte se formula o problema da verdade ha que formulá-lo com verosimilhança. Uma coisa é a logica da obra de arte, outra a verdade do problema que nela se põe. Um raciocinio pode ser logico e não ser verdadeiro. Se eu disser: o homem é imortal, Antonio é homem, terei de concluir logicamente: Antonio é imortal. Ha aqui, porém, um êrro fundamental: o homem não é imortal, ai de nós! A verdade dêste silogismo está, pois, viciada. Ninguem poderá negar, todavia, a sua logica. Logicamente é intangivel. Aqui está. A verosimilhança do romance é a sua logica. Pouco importa que a verdade expressa através dessa verosimilhança não seja... verdade. Deve haver verosimilhança na obra mais fantastica. Melhor: na obra de ficção, emquanto obra de ficção, a verosimilhança é fundamental. Sem verosimilhança, tal obra não pode existir. Que é que constitue o segredo dos contos de Poe? Não é a impecabilidade da sua verosimilhança? Que importa que tudo neles seja falso? Que importa que o homem não saiba o que é a verdade? Que importa que haja uma verdade para cada homem? Não é da verdade que se trata quando se fala do verosimil, mas sim da logica. Num romance tudo pode ser, falso e ser verosimil.

Mas este é o principio mais ou menos rigido que é preciso ter em conta quando se escrevem romances. Talvez, o tal cronista fique surpreendido se eu lhe disser que ha obras primas do romance com inverosimilhanças... Não é preciso ir muito longe. Tenhò aqui á mão a celebre obra de Charlotte Bronté, *Jane Eyre*. Pois esta obra prima tem certas inverosimilhanças... E' a minha teoria que cai por terra, dirão. Nada disso. Uma coisa é a inverosimilhança fundamental da obra, outra as inverosimilhanças de pormenor. Uma coisa é fazer, como Charlotte Bronté, entrar o seu heroi, Rochester, vestido de cigana dentro da sua propria casa sem ser reconhecido pelos seus hospedes, a quem lê a sina, outra é mostrar ao leitor que os proprios fundamentos humanos do romance são inverosimeis, sem a mais pequena densidade real. Se Rochester pratica um acto inverosimil, a sua figura é de uma verosimilhança psicologica inatacavel. Se *Jane Eyre* tem certas cenas inverosimeis, a paixão e o destino de Jane são a personificação da verosimilhança.

Quere dizer: a minha insistencia em pedir ao romancista português, verosimilhança está ainda condicionada pelas circunstancias da propria qualidade do romance português. Se este romance fosse humano, se exprimisse qualquer intenção profunda, se revelasse uma sinceridade convincente, não merecia a pena pedir-lhe verosimilhança. E' porque ele não tem nada disto que é bom pedir-lhe o mais simples. Quando um romancista escreve um romance para nos confidenciar um segredo humano não precisa que o obriguem a ser verosimil: as linhas fundamentais da sua obra sê-lo-ão fatalmente.

III— Um romance quasi verosimil

Li hoje mesmo no *Journal* de André Gide, a proposito de um dos Goncourt, uma frase em que vale a pena meditar. Houve quem dissesse que o Goncourt não fixava o que ouvia. Resposta de Gide: «*Faites attention que plus vous le diminuez comme sténographe, plus vous le grandissez comme littérateur, como créateur...*». Aqui mesmo, a proposito de um romance de Antonio Cabral, tive ocasião de me referir á diferença entre o historiador—neste caso o estenografo—e o escritor, o criador. De facto, é preciso não confundir a literatura com a vida—com a realidade, melhor. O escritor não reproduz estenograficamente o que ouve; não reproduz fotograficamente o que vê: recria. Dá um novo arranjo á realidade. Tenho a impressão de que o novo romance *Lobos no Povoado* (Livraria Popular de Francisco Franco, Lisboa, 1939) é sensivelmente melhor, quanto á reprodução da realidade. A obra anterior de Antonio Cabral era muito mais uma reprodução fotografica—ou estenografica, como diria Gide—da realidade do que esta. Daqui este romance ser, por um lado, mais vivo, por outro, menos verosimil. Sim: teimo. Cá estou eu outra vez a falar de verosimilhança. Mas é um facto: quando a imaginação fala, o romancista português perde o *contrôle*. E' a inverosimilhança que se insinua na obra.

Antonio Cabral, como toda a gente sabe, tem uma longa bibliografia. São bem conseci-dos os seus trabalhos sobre Eça e Camilo. Antonio Cabral já não é uma criança. Aqui está porque merece atenção este seu amor pelo romance. No prefacio da sua obra ha estas palavras: «Acolhe o livro como julgares que ele merece, e ou seja em bem ou por mal, ao teu juizo me submeto, contente por te dar algumas horas de desenfado». Quere dizer, A. Cabral escreve os seus romances para dar uma horas de desenfado ao leitor. Não é outra a sua pretensão, além da de moralizar. Podemos dizer afoitos que Antonio Cabral consegue desenfadar. Nisso não é pior que tantos outros autores que por aí se traduzem para devaneio de meninas pudicas. Como obra para desenfadar julgaremos *Lobos no Povoado*.

Antonio Cabral tem Camilo por mestre. Os seus romances seguem-no passo a passo: não só na tecnica, até no enredo, até na natureza das paixões. *Lobos no Povoado* é um romance camiliano. E' certo que os romances de Camilo deixavam ouvir a voz de Camilo. Quando já não eram romances, eram panfletos, devaneios, birras. Mas Camilo lá estava sempre com a sua personalidade viril, com os seus acessos de genio. O romance camiliano quando o autor não tem o génio de Camilo é perigoso. Mas Antonio Cabral, que não é, infelizmente, um Camilo, tem atrás de si o romance realista. Daí saber evitar certos devaneios pessoais de Camilo, substituindo-os por uma tecnica mais objectiva. O primeiro capitulo do romance põe-nos diante de um crime. E não ha duvida: sem pretensões, sem exibicionismo, sem camarinhas de suor na testa, Antonio Cabral mostra-nos o crime tal como ele devia ter sido cometido. Quere dizer: põe-nos diante de uma «realidade artistica» capaz de nos sugerir a «realidade real». Os capitulos subsequentes são a reconstituição do drama que leva ao crime. Ha neles páginas apreciaveis, sem duvida, mas o valor da intriga sobreleva o dos caracteres. Em todo o caso, a figura de Beatriz tem certa realidade. O pai dela, o lavrador Delfim Vilares, não deixa de sobressaír entre traços pitorescos. Rosinha, é uma pobre rapariga que lembra as figuras de Julio Diniz. Mesmo assim, a acção é melhor, sobretudo certos episodios da vida rustica. A descamizada, por exemplo, ou o episodio das eleições. Os amores de Beatriz e Jaime da Costa, o comandante da fôrça destacada para policiar o acto eleitoral de Montaguiar, constitue o centro da intriga. A figura de Jaime da Costa é meramente convencional: um D. Juan de provincia. Mas o «tempo» do romance está errado. Ha incompatibilidades de tempo em que o romancista não reparou. Daqui o artificialismo da intriga, que podia tôr sido verdadeira na vida, mas é inhabilmente contada no romance.

Como é que se podia ter realizado o julgamento do suposto autor do atentado contra Jaime da Costa, se a vitima morre no hospital onde deu entrada após o crime depois do julgamento? O tribunal não se podia pronunciar sobre um crime que ainda não tinha classificação. Homicidio ou homicidio frustrado? Não me parece isto razoavel. Nada razoavel é tambem o procedimento de Beatriz. Estaria gravida ou não? No romance diz-se que sim. Jaime da Costa hesita: casará, não casará com Beatriz? Beatriz, essa, não hesita: mata-o e recolhe a um convento. Que teria acontecido ao filho?

Antonio Cabral conduziu bem a intriga até certa altura. Daí por diante tudo se precipita. Mata personagens a tôrto e a direito. Evade-se da verdade da acção, para fechar o romance com um desfecho edificante. Premeia os bons, castiga os maus, e faz com que o arrependimento pese sobre a cabeça da pobre mulher apaixonada. Se não fôsse a preocupação de fechar o livro com uma lição de moralidade, é provavel que tivesse salvo a intriga e a verosimilhança do romance. Assim, moralizou, mas estragou o efeito artistico: violentou a naturalidade realista da obra. Foi pena; Antonio Cabral mostra neste livro mais qualidades que muitos *romancistas* largamente reclamados pelos nossos periodicos. Sem pretensões, modestamente, conseguiu em *Lobos no Povoado* aquilo que a maior parte do nosso pretenso romancista não consegue: contar-nos uma historia quasi verosimil...

IV — Um romance «côr de rosa»

Falei em literatura para meninas pudicas. Aqui está um livro que não pode deixar de agradar ás leitoras das Veuzit e das Dély. Sim: digo-o convicto. Digo-o com sinceridade. E acrescentarei: se Arminda Fortes não pretendeu senão escrever um livro «côr de rosa» não ha duvida tê-lo conseguido. *Vertigem* (Edições Romano Torres, Lisboa, 1939) é um romance «côr de rosa» com todas as honras. Tudo nele é roseamente pintado: tudo nele é luxo, sumptuosidade, beleza, requinte. Ha castelos, ha parques, ha condes, ha princesas, ha diplomatas, ha o Estoril, ha Sintra, ha Paris, ha Bearritz. Que mais será preciso para deslumbrar leitoras provincianas...? Mas, dizia eu, se Arminda Fortes quis escrever, de facto, um romance «côr de rosa» dou-lhe os meus parabens: tem a receita. Se não foi isso que pretendeu, estamos mal. Desculpará, Arminda Fortes, mas o seu romance nada tem que ver com aquilo a que uns tantos maduros chamam obras de arte. Para se escrever um romance obra de arte é preciso seguir outros caminhos.

Vertigem compõe-se de duas partes: uma narrativa, outra epistolar. Na parte narrativa, conta-se-nos a infancia de uma Lucia, amiga de uma Gina, filha de um medico que vive em Sintra na casa das *Glicinias Brancas*. A infancia de Lucia é-nos resumida em poucas paginas. Da parte da romancista só houve uma preocupação: mostrar-nos a infancia *bem* de uma menina *bem*. Quere dizer: uma Lucia, filha de um medico, nascida num meio selecto, não tem infancia humana. A infancia das pessoas como Lucia é uma tapeçaria de cores dulcerosas. Até os momentos tragicos, como a morte da mãi de Lucia e o falecimento do pai, nos são narrados como lindos momentos, ali apenas para melhor fazer ressaltar o belo futuro da heroina. Numa palavra: não há qualquer vislumbre de vida em toda esta breve narração. Tudo é convencional, tudo é elegante, tudo é «côr de rosa».

Mas, morto o pai de Lucia, Lucia fica pobre. Ha um amigo do falecido que vive em Paris, como não podia deixar de ser, riquissimo, abastadissimo, chiquissimo. Ao morrer, o medico recomenda-lhe a filha. O amigo chama-se Henrique de Avelar, nome chique, como era de prever. Mas este riquissimo Henrique é solteiro. Propõe, por isso, a Lucia que case com êle. Não obstante a diferença de idades, o casamento será a forma de poderem viver juntos sem escandalo. Mas esse casamento será «branco», claro. Reacção de Lucia, casamento de Lucia. Partida para Paris.

Estamos agora na segunda parte do livro: na parte epistolar. Até aqui tudo tinha sido narrado resumidamente pela romancista. Agora é Lucia quem nos guia. Arminda Fortes não soube tirar partido, sequer, da facilidade do genero para nos mostrar as cartas de Lucia e as respostas de Gina. Reduziu tudo ás cartas de Lucia. Quere dizer: estamos perante um artificio facilimo. Tanto mais facil quanto é certo o estilo de Lucia ser tal qual o estilo da romancista. Isto é: não é bem tal qual. E' um pouco mais pretensioso, direi mesmo, mais pedante. Exemplificarei: Lucia diz numa carta do dia 30 de maio—«*Não sei descrever-te como decorreu o baile, a ceia e o banquete, antes do baile. Banquete em que eu, toda vestida de «lamé» de ouro, me senti princesinha de sonho, entre dois vasaslos encascados, de maneiras requintadamente fidalgas*». E mais adiante: «*Armando não reparou em coisa alguma. O seu olhar misterioso, que parecia concentrado numa especie de erotismo abstracto, poisava-se em mim emquanto a silhueta esbelta da Lili desaparecia, como uma chama rubra, entre o mar sussurrante da multidão.*»

Parece-me evidente, não? Mulher nenhuma inteligente escreveria uma carta assim: só uma—pedante. Mas chega Armando. Armando é o homem mais elegante, mais distinto, mais chique de Paris. E' sobrinho de Henrique, o marido de Lucia. A tragedia é clara. Depois de antipatizar com Armando, Lucia apaixona-se. Que imprevisto! Tão imprevisto como este amor só a morte de Henrique. Depois de renunciarem um ao outro, Lucia e Armando separam-se. Este, que vai viajar, escreve uma derradeira carta de Madrid, em que diz amar Lucia e onde pede que lhe responda apenas duas palavras: «*Amo-te Armando*». Acrescenta: «*Escreve para Madrid—Hotel Ritz*». Era inevitavel—o Ritz! Mas Lucia está em Biarritz. No fim da carta em que anuncia a sua partida a Gina, recomenda: «*Escreve para Biarritz—Grande Hotel*». *Era inevitavel*—o Grande *Hotel!*—Entretanto os jornais anunciam que Armando foi vitima de um desastre de automovel. Morreu, dizem os jornais. Henrique, o tio, morre ao lêr a noticia... Mas Armando não morrera. Estava ferido. Tinha de ser. Melhora. Após a crise, Lucia e Armando encontram-se, casam e têm um bébé.

E' êste o romance de Arminda Fortes. Não é eloquente o seu entrecho? Parece-me evidente tratar-se de um romance falso da primeira á ultima linha: um romance «côr de rosa», todo «côr de sora»! Ora Arminda Fortes é, com certeza, bastante inteligente para vêr que isto não é arte, que a vida não é isto, que o homem não é isto, que as Lucias, por mais Lucias que sejam, não são isto.

E, quando o são, passa-se adiante: não servem para heroinas de romances. As heroinas de romances têm de ter entranhas: têm de ter paixões, têm de vestir-se como toda a gente, têm de hospedar-se em qualquer hotel, têm de ter personalidade e caracter.

Quando se escreve um romance para nada se dizer do coração humano, arremeda-se a literatura—não se é escritor. Não digo que Arminda Fortes não seja capaz de nos dizer muitas coisas profundas sôbre si mesma, sôbre aquela pessoa que naturalmente nunca anda pelos Ritzs nem pelos Grandes Hoteis do mundo. E' isso que nós precisamos de ouvi-la contar. Só podemos contribuir para o conhecimento da alma humana falando das nossas proprias experiencias no mundo que conhecemos. Falar de mundos desconhecidos dá como resultado estas sumptuosidades, estas elegancias, êstes luxos. Isso não interessa á arte: o que interessa á arte é o que está por debaixo das sumptuosidades e dos luxos. Quando Arminda Fortes se resolver a falar-nos de si propria ou das suas experiencias de mulher, talvez deixe de escrever romances «côr de rosa». Então teremos muito prazer em felicitá-la por ter escrito uma obra digna de uma escritora.

JOÃO GASAR SIMÕES